Universidade de Brasília
Instituto de Ciências Sociais
Departamento de Sociologia

**ROSLILANE DOS SANTOS**

# MEMÓRIA E ENVELHECIMENTO: HISTÓRIA DE VIDA DAS MULHERES DE CEILÂNDIA/DF

Brasília/DF
Dezembro/2018

Universidade de Brasília
Instituto de Ciências Sociais
Departamento de Sociologia
Orientadora: Profª. Dra. Mariza Veloso Motta

# MEMÓRIA E ENVELHECIMENTO: HISTÓRIA DE VIDA DAS MULHERES DE CEILÂNDIA/DF

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Sociologia do Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Brasília como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Bacharel em Sociologia.

Orientador: Profª. Dra. Mariza Veloso Motta

Brasília/DF
Dezembro/2018

**AGRADECIMENTOS**

Agradeço à minha família, que me apoiou ao longo de toda a graduação, tornando possível esta conquista, com todo o suporte, paciência e compreensão às minhas ausências, principalmente nos finais de semana, tempo usado para me dedicar aos estudos.

Agradeço à minha orientadora Mariza Veloso, por todo apoio e por acreditar na finalização deste trabalho, que não foi possível concluir em um semestre. Agradeço à nova oportunidade de estarmos juntas neste processo novamente.

Agradeço ao meu companheiro, Marlos Luiz de Falco, por sempre estar ao meu lado e me incentivar a persistir nos estudos. Mesmo quando eu me desanimava por cansaço decorrente da rotina diária de trabalho, ele sempre me oferecia suporte, apoio e compreensão.

Em especial, agradeço às idosas que participaram deste trabalho, contando suas histórias de vida e suas lembranças, desde as mais tristes às mais felizes, toda a minha gratidão por me permitirem a entrar nas suas casas, nas suas vidas e fazer parte desta trajetória.

**RESUMO**

Este trabalho tem o objetivo de analisar as relações entre as memórias evocadas por meio de história de vida de idosas, estabelecendo relações entre a memória coletiva e a trajetória de vida de idosas moradoras de Ceilândia. Apresenta uma abordagem qualitativa, relacionando seis narradoras de Ceilândia, cidade historicamente construída com o estigma de marginalização e exclusão social. A técnica aplicada na pesquisa é de entrevistas abertas, utilizando como dados as narrativas biográficas de idosas com idade entre 65 e 89 anos. As categorias evidenciadas neste trabalho são: a infância, a mudança para o Distrito Federal, as condições que tinham quando vieram para o novo local, a mudança para a Ceilândia, condições de vida em Ceilândia e fatos que marcaram a história de vida das idosas. Os resultados obtidos demonstram a relação da memória, do indivíduo e da sociedade, em que as rememorações de pessoas idosas são importantes para a construção de uma perspectiva diferente sobre o tempo e lugares da história oficial amplamente divulgada.

**Palavras-chave:** Memória de idosos. Sociologia da memória. Histórias de vida.

**ABSTRACT**

This work aims to analyze the relationships between the memories evoked through the life history of the elderly, establishing relationships between the collective memory and the life trajectory of the elderly women living in Ceilândia. It presents a qualitative approach, relating six narrators from Ceilândia, a city historically constructed with the stigma of marginalization and social exclusion. The technique applied in the research is from open interviews, using as biographical narratives of elderly women aged 65 to 89 years. The categories evidenced in this work are: childhood, the move to the Federal District, the conditions for coming to the new place, the move to Ceilândia, living conditions in Ceilândia and historical facts that marked the lives of the elderly. The results obtained demonstrate the relationship of memory, individual and society, in which the recollection of elderly people are important for building a different perspective from the widely publicized official history.

**Keywords:** Memory of the elderly. Sociology of memory. Life stories

**SUMÁRIO**

INTRODUÇÃO ..... 7
1 MEMÓRIA, INDIVÍDUO E SOCIEDADE ..... 12
2 ENVELHECIMENTO E CIDADE ..... 25
2.1 Envelhecimento ..... 25
2.2 A cidade de Ceilândia, sua história e seus habitantes ..... 32
3 ANÁLISE DAS NARRATIVAS ..... 39
3.1 Lembranças da infância ..... 42
3.2 Mudança para o Distrito Federal ..... 44
3.3 Condições de vida no Distrito Federal ..... 47
3.4 Mudança e condições de vida em Ceilândia ..... 50
3.5 Lembranças gerais ..... 54
3.6 Retorno à cidade natal ..... 56
3.7 Participação na cidade ..... 58
CONSIDERAÇÕES FINAIS ..... 60
REFERÊNCIAS ..... 63
APÊNDICE ..... 67

## INTRODUÇÃO

Esta proposta de trabalho abordou o tema da memória coletiva realizando uma interlocução com idosos migrantes e atuais moradores da região de Ceilândia no Distrito Federal, relacionando suas trajetórias individuais como idosos migrantes à história de Brasília. Teve como objetivo analisar a dimensão social da memória individual por meio de relatos dos migrantes, situados fora do Plano Piloto e cujas vozes nem sempre são consideradas, percebendo as relações indivíduo e sociedade, passado e presente, história oral e história escrita, memória individual e memória coletiva. Pretendeu-se, portanto, discutir a memória individual e sua dimensão social, que favorecem a coesão de um grupo social – fortalecendo laços sociais entre os indivíduos – construindo a identidade dos mesmos, e por outro lado como a memória coletiva pode ser um campo de conflitos que legitima ou não legitima a história oficial.

Esta reflexão tem um pontapé inicial de que cada indivíduo possui sua própria história, somente por estar vivo ele contribui para o condicionamento da sociedade e ao mesmo tempo em que é condicionado por ela. Mills (1969), argumenta nas suas reflexões sobre a imaginação sociológica afirmando que "Chegamos, a saber que todo indivíduo vive, de uma geração até a seguinte, numa determinada sociedade; que vive uma biografia, e que vive dentro de uma sequência histórica. E pelo fato de viver, contribui, por menos que seja, para o condicionamento dessa sociedade e para o curso de sua história, ao mesmo tempo em que é condicionado pela sociedade e pelo seu processo histórico."

Assim, este trabalho é iniciado por meio de uma pequena parte da biografia de indivíduos idosos, tentando compreender sua história e sua biografia e suas relações, por meio da imaginação sociológica, citando o mesmo autor. Espera-se que esta seja uma tentativa de perceber o que está acontecendo no mundo e compreender o que está acontecendo com as pessoas por meio de "pontos de cruzamento da biografia e da história, dentro da sociedade" (MILLS, 1969, p. 14).

Neste estudo, a atenção está voltada para a análise dos indivíduos e grupos sociais antes ignorados ou pouco estudados, tendo o cuidado de compreender as modificações sociais, olhando para além desses indivíduos.

O interesse em aprofundar os estudos sobre a Sociologia da Memória a partir das histórias de vida de idosos surgiu da vivência enquanto assistente social no trabalho com um grupo de convivência social para idosos que acontece no Sesc-DF em Ceilândia, e do interesse na disciplina de sociologia da memória, que foi cursada enquanto estudante de sociologia.

Essas duas experiências despertaram a curiosidade e a possibilidade de refletir sociologicamente sobre uma experiência profissional vivida como funcionária do Sesc Ceilândia, no desenvolvimento de um trabalho junto aos idosos.

Durante a convivência com os idosos, foi possível perceber que, ao contarem um pouco de suas trajetórias, surgem fatos e situações que não estão presentes na história oficial amplamente divulgada. Dessa forma, pretende-se observar pela perspectiva da memória e da história oral fatos "esquecidos" da construção da capital, como os idosos se percebem dentro desse processo, qual seu lugar diante dos acontecimentos e no interior da "cidade modernista".

A percepção da memória enquanto processo importante na construção da história envolve a percepção dos idosos enquanto narradores que, através de suas histórias, abordam a sociedade interpretando e construindo significados que formam a trajetória das gerações pioneiras de Brasília. As lembranças individuais singulares referem-se sempre a situações vividas na vida privada, mas podem conter pontos de intersecção com os grupos sociais a que se pertence e com os fatos vividos de forma coletiva, possibilitando a demonstração do caráter social da memória.

O campo da sociologia da memória, de acordo com Souza e Gadea (2017), tem demonstrado um aumento de interesse nos últimos 20 anos, trazendo diversas questões relacionadas a disputas por memórias de instituições, comunidades, grupos sociais e poder público. Os estudos sociológicos no campo da memória também demonstram uma transversalidade de áreas do saber, como história, antropologia, psicologia social, tornando mais amplo o diálogo em torno da temática. Para os autores, a ampliação teórica e metodológica dos estudos sobre memória coletiva possibilitou de forma positiva o crescimento deste campo de investigação.

> Além disso, autores como Myrian Sepúlvedas dos Santos (2012 e 2013), Carlos A. Gadea (2013) e Andreas Huyssen (2004, 2014) apontam para dois fenômenos relevantes para o aumento das pesquisas sobre memória na contemporaneidade a redemocratização com a abertura política e a globalização, tanto no Brasil, no caso dos dois primeiros autores, quanto no cenário internacional, relatado por Huyssen. De maneira geral, a partir desses dois fenômenos, as lutas por memórias adquiriram contornos mais complexos frente às demandas por Justiça Social, Reconhecimento, Reparação, Identidades Culturais, Direitos Humanos entre outras. Tal processo influenciou ainda o caráter transversal e interdisciplinar dos estudos e pesquisas sobre memória coletiva e social, despertando também o interesse dos programas de pós-graduação em sociologia e ciências sociais na constituição de linhas de pesquisa, grupos e laboratórios de pesquisas (SOUZA; GADEA, 2017, p. 205)

O campo da sociologia da memória tem suscitado muitas questões e desafios para compreensão das lutas por direitos e reconhecimento de grupos sociais excluídos e é nesse contexto, de abertura de campos de estudo e pesquisa ainda recente, mas consolidada, que se insere este trabalho, possibilitando uma análise de histórias de vida narradas por idosos, trazendo para o presente a subjetividade dos narradores dentro da objetividade que se busca nas Ciências Sociais para a compreensão da sociedade.

O objeto desta pesquisa foi a perspectiva sociológica da memória coletiva e a importância das pessoas idosas como lembradores do passado, a partir do tempo presente, desta forma a análise da memória coletiva torna-se um instrumento importante para compreensão dos diferentes processos e relações sociais que formam a vida desses grupos subalternos que vivem em espaços fora das referências da memória oficial de Brasília, isto é fora do plano piloto área de tombamento reconhecida pela Organização das Nações Unidas para a Educação Ciência e Cultura – UNESCO em 1987, – Brasília Patrimônio Cultural da Humanidade.

A pesquisa em memória social abre campo para a sociologia quando começa a perceber o caráter social da memória individual, antes a memória era estudada apenas como o ato de lembrar, uma relação que ficava aprisionada no indivíduo, como destaca Bosi (2016), faltava na obra de Bergson o tratamento da memória como fenômeno social, aspecto esse que foi trazido por Halbwachs. A autora destaca que:

> A mudança de visada se dá na própria formulação do objeto a ser apreendido: Halbwachs não vai estudar a memória, como tal, mas os "quadros sociais da memória". Nessa linha de pesquisa, as relações a serem determinadas já não ficarão adstritas ao mundo da pessoa (relações entre o corpo e o espírito, por exemplo), mas perseguirão a realidade interpessoal das instituições sociais. A memória do indivíduo depende do seu relacionamento com a família, com a classe social, com a escola, com a igreja, com a profissão; enfim, com os grupos de convívio e os grupos de referência peculiares a esse indivíduo. (BOSI, 2016, p. 54)

Nesse sentido, a problematização deste trabalho vai na direção de discutir a dimensão social da memória individual, que pode favorecer a coesão de um grupo social na formação de sua identidade, e a discussão no âmbito da memória coletiva como um campo de conflitos que legitima ou não legitima a história oficial. Dentro dessa perspectiva, é também importante discutir o papel da pessoa idosa como rememorador e construtor ativo do tempo passado, provocando um debate sobre como os relatos dessas pessoas permitem estabelecer relações com o passado e apreender a dinâmica das transformações na sociedade.

A primeira vista percebe-se a possibilidade de trazer à tona memórias individuais, mas para além do exposto, pode ser possível apreender situações conflitivas, discriminações, disputa

de poder, situações de violências e diversas questões sociais relacionadas à sociedade em que vivemos.

Os idosos, alvos desta pesquisa, fazem parte de um segmento social que é excluído socialmente, considerando a posição que hoje ocupam na divisão do trabalho social, na vida familiar e na vida em sociedade, são moradores da região administrativa de Ceilândia, a maior região do Distrito Federal em população oriunda do Nordeste. Possuem um nível de renda baixo/médio. Essas pessoas têm papel definido de forma secundária nos processos sociais. Dessa forma, pode-se oportunizar o protagonismo da construção de suas vidas por meio de suas memórias.

Na coleta de dados, foram utilizadas entrevistas abertas, o roteiro utilizado encontra-se no apêndice deste trabalho, com foco nas histórias de vida dos entrevistados, por meio da história de vida pode-se observar o individual e o social em suas interseções. O método de análise proposto para este trabalho consistiu em cruzar a biografia, ou melhor, a trajetória social, com a história oficial.

Para análise destas narrativas é necessária a compreensão de que as lembranças não são exatamente como os fatos se passaram, isso acontece porque reconstruímos as lembranças do passado vivendo no tempo presente, portanto a percepção, as ideias e os valores mudam. No entanto, o importante, de acordo com a observação de Bosi (1994) e Minayo (2010), é "o que interessa quando trabalhamos com história de vida é a narrativa da vida de cada um, da maneira como ele a reconstrói", sendo que esta reconstrução é marcada pelos quadros sociais presentes na vida dos indivíduos que se utilizam das relações de classe social, gênero, idade, lugar e também levam em conta a própria relação com a pesquisadora para reconstruir suas lembranças.

Conforme já foi dito, a percepção da memória enquanto processo importante na construção da história envolve a percepção dos idosos enquanto narradores que, através de suas histórias, abordam a sociedade interpretando e construindo significados que formam cultura. Desse modo, a densa narrativa desse grupo *(grupo de idosos)* vai compondo e ajudando a construir a história e a identidade de Ceilândia.

Por meio das recordações das pessoas idosas, são percebidas as transformações ocorridas no espaço, na história, nas instituições, nos papéis sociais e no imaginário social (Bosi, 2016). As relações do passado se tornam presentes por meio das lembranças, e o idoso é peça fundamental na transmissão dos valores e crenças de uma geração.

Desta forma, este trabalho final será desenvolvido em três capítulos, além da introdução e das considerações finais.

O primeiro capítulo irá abordar sobre a teoria da memória coletiva e sua problematização dentro do campo da sociologia, trazendo a questão da inserção da memória enquanto construção social e objeto de estudo da sociologia, bem como a importância da memória para a compreensão da sociedade.

O segundo capítulo fará abordagem acerca dos idosos e o envelhecimento humano na perspectiva social e a importância do idoso como rememorador e também trará um pouco da história de Ceilândia, suas características sociais e políticas, com destaque para o lugar que a cidade ocupa no processo de formação e construção da capital do Brasil. Para isso, pretende-se utilizar de fontes oficiais, como arquivo público e "historiadores nativos", que são pessoas da própria comunidade.

O terceiro capítulo irá trazer a análise das entrevistas e suas relações com a perspectiva sociológica da memória, envelhecimento, sociedade e trajetórias de vida.

# 1 MEMÓRIA, INDIVÍDUO E SOCIEDADE

*"É na sociedade que as pessoas adquirem normalmente as suas memórias. É também na sociedade que recordam, reconhecem e localizam suas memórias"*

Halbwachs

A memória, podia ser entendida como a capacidade de armazenamento de dados e informações de fatos do passado, constituída de recordações e lembranças do passado que surgem por meio da evocação no tempo presente. No entanto, quando abordamos a memória como um campo científico, percebemos que é um fenômeno multidimensional, que imprime uma mobilidade ao passado, consequentemente está sempre em movimento de reconstrução, transformando o presente e com isso trazendo a possibilidade de mudança do futuro.

A teoria da memória coletiva e sua problematização dentro do campo da sociologia enfatiza o caráter social da memória ultrapassando o plano individual. É a partir dos estudos de Maurice Halbwachs (1877-1945) que a memória ganha relevância como um fato coletivo construído pelos grupos sociais existentes na sociedade. Este autor estuda a memória do ponto de vista coletivo, sendo resultado das relações sociais e não apenas de uma propensão pessoal.

Maurice Halbwachs nasceu em Reims (França), em 1877, estudou filosofia na *École Normale Supérieure (Paris)* com Henri Bergson. Em 1905, começou a estudar Sociologia por influência de Émile Durkheim. Após a Primeira Guerra Mundial, tornou-se professor de Sociologia e Pedagogia na Universidade de Strasbourg. Foi professor visitante na Universidade de Chicago, e em 1935 começou a lecionar Sociologia em Sorbonne, onde trabalhou com Marcel Mauss, sendo editor dos "Annales de Sociologie". Recebeu em 1944 a cátedra de psicologia social no *Collège de France*. Em 1944, com a ocupação de Paris pelo exército nazista, Halbwachs foi detido pela Gestapo, sendo deportado para Buchenwald, onde faleceu em 1945 por decorrência de doenças causadas por inanição.

O livro "Les cadres sociaux de la mémorie" (Os quadros sociais da memória), lançado em 1920, traz uma nova perspectiva de trabalho tendo como objeto a memória, e esta será discutida no campo das ciências sociais, com as influências de Bergson e Durkheim. Halbwachs dá início a abordagem entre indivíduo e sociedade na perspectiva da memória.

A memória individual e a memória coletiva são discutidas de forma mais aprofundada pelo autor no livro "A Memória Coletiva (2004)". Neste livro, o autor faz uma crítica ao caráter

psicológico e individual da memória decorrente da fisiologia cerebral, em que, para a ocorrência do fenômeno da lembrança, é necessário um ator e um acontecimento, sendo característico o armazenamento de informações de forma individual. Nesse sentido, o autor defenderá o fato segundo o qual o indivíduo lembra de acontecimentos coletivos, em interação com outros indivíduos, o que denota a noção de memória coletiva.

Para Halbwachs, o indivíduo carrega em si a lembrança, mas este faz parte de uma sociedade, ou seja, de um grupo social, como destaca Santos:

> O sociólogo Maurice Halbwachs não considerou a memória nem como um atributo da condição humana, nem a partir de seu vínculo com o passado, mas sim como resultado de representações coletivas construídas no presente, que tinham como função manter a sociedade coerente e unida. Para ele, a memória tinha apenas um adjetivo: era necessariamente coletiva (SANTOS, 2012, p. 25)

A memória individual existe e está associada a diferentes contextos e diferentes participantes, é uma combinação das memórias dos diferentes grupos de que o indivíduo participa e sofre influência, contudo, o grupo é portador da memória e no contexto do grupo é que construímos as nossas lembranças. Nesse sentido, o indivíduo só pode recordar quando pertence a um grupo, a memória coletiva portanto é a memória elaborada em grupos familiares, colegas de escola, colegas de trabalho etc.

A autora Miriam Sepúlveda dos Santos, importante pesquisadora na linha da memória coletiva no Brasil, ao abordar o caráter social da memória salienta a importância de Halbwachs ressaltando que o autor

> ... tem o mérito, portanto de ter sustentado a tese de que, mesmo que o indivíduo estivesse só, recordaria através de memórias que não seriam só suas. Indivíduos não se lembram por si mesmos e, para lembrarem, necessita da memória coletiva, isto é, da memória que foi construída a partir da interação entre indivíduos. Ao ressaltar o caráter social da memória e explicar que nem mesmo as memórias mais íntimas podem ser pensadas em termos exclusivamente individuais, enfatizou o caráter social do ser humano e antecipou as abordagens culturalistas à história (SANTOS, 2012, p. 58)

Mesmo que aparentemente particular, a memória remete a um grupo, a ideia de que a memória individual se consolida e se mantém através das interações no interior dos grupos sociais e é abordada por Halbwachs. Ainda que o ato de lembrar seja individual, os grupos que fizeram parte da vida do indivíduo influenciam no que é memorável ou não, portanto, existe o monopólio da lembrança, por grupos hierarquicamente estabelecidos que utilizam do poder para sustentar uma verdade.

O indivíduo de forma isolada não consegue sustentar uma lembrança, ele precisa do apoio de outros testemunhos para dar forma às suas próprias lembranças, no processo de recordar e rememorar estão em ação a memória coletiva e a memória individual, evocamos as lembranças para fortalecer ou enfraquecer um evento que queremos lembrar. Para além das teorias, além dos quadros sociais e interações com grupos, existe da mesma forma na reconstrução do passado a interação com a história oficial, os indivíduos também se apoiam nela para rememorar suas trajetórias de vida.

A lembrança para Halbwachs (1994, p. 47) é importante, pois, para ele, "a lembrança é em larga medida uma reconstrução do passado com a ajuda de dados emprestados do presente e, além disso, preparada por outras reconstruções feitas em épocas anteriores e de onde a imagem de outrora manifestou-se já bem alterada". A construção de lembranças, mesmo que formadas com base em experiências individuais, necessita de "ter base" em ideias, símbolos e linguagem formadas socialmente, pois só dessa forma a lembrança se torna comunicável e capaz de ser compreendida por outros.

O tempo presente serve como apoio para se lembrar do passado, fazendo com que este passado tenha sentido para quem o viveu. Essas lembranças, apesar de serem vinculadas a uma pessoa, têm o aspecto coletivo, pois são vividas e fazem parte do grupo social ao qual o rememorador esteve inserido. As lembranças são ligadas a "quadros sociais" como pontos importantes de referência.

Essencialmente coletiva, sendo os quadros sociais da memória pontos de referência na reconstrução das lembranças, narrativas de lembranças não têm sentido senão em relação a um grupo do qual se faz parte, pois imagina-se que um acontecimento vivido foi de forma comum com outras pessoas, portanto, depende desta referência. Os quadros sociais da memória são referência do que deve ser lembrado, do que deve ser esquecido, do que deve ser comemorado, eles formam o contexto do tempo, espaço, em que acontece a experiência individual, cercada de redes sociais, de processos de interações entre os indivíduos.

Quando se usa o presente para retratar o passado, há uma possibilidade de reorganizar e fazer novas elaborações sobre o tempo passado, e assim perceber as transformações individuais e sociais. Na reconstrução do passado existe o processo de seleção em que os indivíduos registram o que se torna importante lembrar estando no tempo presente, demonstrando que as reconstruções do passado podem descortinar informações sobre o momento presente. Essas reconstruções podem variar conforme a posição que ocupamos nos diferentes grupos que participamos. Dessa forma, as memórias são reconstruídas de modo fragmentado e socialmente situadas.

No livro “A memória coletiva”, Halbwachs afirma que temos a capacidade de lembrar quando nos colocamos no ponto de vista de grupos, pois é colocando-se sobre este ponto de vista que nos situamos nas correntes do pensamento coletivo.

Quando escreveu este livro, o autor evidenciava que não era habitual falar de memória de um grupo, pois a memória era discutida como algo ligado a um corpo ou a um cérebro, mas para o autor é possível admitir que há duas maneiras de organizar as lembranças: uma que é considerada sobre o próprio ponto de vista de uma pessoa definida e outra que se distribui na sociedade. Existem memórias individuais e memórias coletivas, sendo que o indivíduo participa destas duas formas de memórias. Ao participar dessas duas formas, pode ser que este individuo tenha atitudes diferentes. Segundo Halbwachs,

> de um lado, é no quadro de sua personalidade, ou de sua vida pessoal, que viriam tomar lugar suas lembranças: aquelas que lhe são comuns com outras não seriam consideradas por ele a não ser sob o aspecto que lhe interessa, na medida em que ele se distingue delas. De outra parte, ele seria capaz, em alguns momentos, de se comportar simplesmente como membro de um grupo que contribui para evocar e manter as lembranças impessoais, na medida em que estas interessam ao grupo. Se essas duas memórias se penetram frequentemente; em particular se a memória individual pode, para confirmar algumas de suas lembranças, para precisá-las, e mesmo para cobrir algumas de suas lacunas, apoiar-se sobre a memória coletiva, deslocar-se nela, confundir-se momentaneamente com ela; nem por isso deixa de seguir seu próprio caminho, e todo esse aporte exterior é assimilado e incorporado progressivamente a sua substância (HALBWACHS, 1994, p. 36)

Lembranças individuais não estão completamente isoladas, pode-se evocar seu próprio passado fazendo apelo às lembranças dos outros, alguns pontos podem invadir a memória coletiva, mas não se pode confundir como memórias coletivas. Para que um indivíduo reconstrua suas lembranças, ele pode se reportar a pontos de referência que são demarcados socialmente, pelos destinos e trajetórias dos indivíduos e grupos sociais.

O autor distingue então duas memórias, uma interna, pessoal e autobiográfica e outra externa, social e histórica, sendo que a interna se apoiaria na externa, que possui caraterística de ser mais ampla, porém, quando usada para representar o passado individual, apresenta-se de uma forma resumida, enquanto a memória individual acaba aparecendo de uma forma mais densa, pois é da vida particular que se lembra. No entanto, é possível, para o autor, distribuir as diversas partes de nosso passado em divisões do tempo coletivo externos a nós e que são impostas a todas as memórias individuais.

A história é entendida pelo autor como uma “sucessão cronológica dos acontecimentos e datas” (HALBWACHS, 1990, p.41). Nossa memória, no entanto, se apoia na história que foi

por nós vivida e não na história que aprendemos. Dessa forma, as datas históricas nos dão noções gerais, mas é necessário a existência das lembranças individuais, pois sem estas a noção histórica fica esvaziada de sentido.

O autor dá exemplo de uma lembrança pessoal de quando entrou para lecionar no Liceu. No primeiro dia de aula, teve um encontro com um colega. A data da entrada no Liceu seria uma noção histórica, mas se o autor não tivesse guardado a lembrança individual do encontro, o quadro social, a data, seriam então vazios, e possivelmente, somente pela data o autor não se lembraria de nada.

Os quadros sociais da memória são construídos por meio de convenções e organizam a reconstrução da memória, são pontos de referências comuns ao grupo que permite ao indivíduo reconstruir suas recordações. “São pontos de referência no espaço e no tempo, noções históricas, geográficas, biográficas, políticas, dados de experiência correntes e maneiras de ver familiares que nós somos capazes de terminar em precisão crescente e que deixam de ser apenas um esquema vazio de eventos passados.” (HALBWACHS, 2004, p. 39)

Para Halbwachs (2004, p. 45), os quadros coletivos não significam somente datas. “Tanto é verdade que os quadros coletivos da memória não se resumem em datas, nomes e fórmulas, que eles representam correntes de pensamento e de experiência onde reencontramos nosso passado porque este foi atravessado por isso tudo”. Nesse sentido, quando os acontecimentos tornam-se distantes, nos lembramos deles de uma forma conjunta e alguns fatos se destacam mais do que outros. No entanto, não conseguimos distinguir claramente entre uns e outros. Dessa forma, os quadros são necessários para reconstituição das recordações individuais, são instrumentos capazes de facilitar a localização de um evento passado.

Um quadro é cheio de reflexões pessoais de lembranças individuais e familiares. O autor cita Bérgson para melhor explicar seu pensamento de que não existiria dentro do nosso pensamento uma imagem pronta do passado, mas essas imagens existiriam na sociedade como indícios para reconstruir partes do nosso passado que acreditamos que são vindas inteiramente de nossa memória. Para Bérgson, essas imagens permanecem de forma completa em nossa mente, mas o funcionamento limitado de nosso cérebro impede que evoquemos essas imagens por completo.

Um indivíduo faz parte ao mesmo tempo de vários grupos, sendo que estes grupos se dividem no tempo e espaço de cada sociedade. Desse modo, cada grupo desenvolve memórias coletivas que interessam seus membros, pois contribuem para modificá-la e repercutem sobre eles próprios. Nesses grupos, os indivíduos que são seus componentes pensam e recordam de uma forma muito parecida, individualmente têm suas próprias perspectivas, mas na relação de

uns com os outros as perspectivas são estreitadas, o que os colocam uns sobre o ponto de vista dos outros.

O tempo em nossa sociedade é marcado, padronizado, e por meio desta marcação organiza as experiências individuais sincronizando as vivências dentro do tempo social. O espaço também determina o modo com que cada grupo se relaciona e como cria seu modo de vida, permitindo a construção de referências espaciais e arquitetônicas que a sociedade cultiva. Portanto, o tempo e o espaço dão condições para que as memórias sejam formadas de modo a garantir a coesão dos grupos, criando um sentimento de identidade entre seus membros que compartilham das mesmas memórias formadas no tempo e no mesmo espaço ocupado pelo grupo.

> Segundo Halbwachs, o compartilhamento de memórias contribui para a formação de uma "comunidade de sentimentos". Por meio da memória, o grupo lança suas raízes no passado, assentando suas origens num momento distante e, muitas vezes, mítico. Essas memórias são objetivadas no espaço, conferindo materialidade e estabilidade ao modo de vida do grupo (HALBWACHS, 2004, p. 49)

Maurice Halbwachs é o pioneiro nos estudos sobre a memória como campo de investigação nas ciências sociais, a partir de seus estudos, gerou-se repercussões que começaram a ser discutidas por outros autores. Michel Pollak também problematiza a perspectiva da memória coletiva.

Michel Pollak, nasceu em Viena (Áustria) em 1948, formado em sociologia pela Universidade de Linz, trabalhou na Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE), foi orientando de Pierre Bourdieu em sua tese defendida na *École Pratique des Hautes Études* em 1975. Morreu no ano de 1992, em Paris.

Michel Pollak retoma as discussões sobre memória coletiva nos anos de 1980. No Brasil, a publicação de dois artigos fomentaram o debate sobre o tema com novas abordagens a partir do pensamento de Halbwachs. De acordo com Pollak, (1992):

> *A priori*, a memória parece ser um fenômeno individual, algo relativamente íntimo, próprio da pessoa. Mas Maurice Halbwachs, nos anos 20-30, já havia sublinhado que a memória deve ser entendida também, ou sobretudo, como um fenômeno coletivo e social, ou seja, como um fenômeno construído coletivamente e submetido a flutuações, transformações, mudanças constantes. (POLLAK, 1992, p. 201)

Nos textos "Memória e identidade social", publicado em 1992, e "Memória, esquecimento e silêncio", publicado no ano de 1989, o autor traz uma abordagem sociológica sobre a memória, que considera como uma construção social coletiva e justamente por ter esse caráter de construção coletiva ela traz em seu processo a seleção, não imparcial, do que deve

ser lembrado e o que deve ser esquecido. Isso acontece porque sendo a memória uma construção do passado feita no tempo presente, o grupo que constrói o passado, coloca em relevância o seu conjunto particular de recordações.

Para Pollak, as memórias têm três componentes: **os acontecimentos**; que são eventos em que as pessoas podem ter participado direta ou indiretamente, **os personagens**; que podem ou não se relacionar com o indivíduo de forma direta, **e os lugares**; que servem de base aos acontecimentos, os três componentes servem tanto para memória individual quanto para a coletiva.

A memória pode ser herdada, sofrendo modificações a partir do contexto em que é reconstruída, a constituição de memórias envolve as **preocupações do momento**, organizando e estruturando os quadros sociais a partir da seleção dos acontecimentos que se quer gravar na história de um povo.

> Esse último elemento da memória - a sua organização em função das preocupações pessoais e políticas do momento mostra que *a memória é um fenômeno construído.* Quando falo em construção, em nível individual, quero dizer que os modos de construção podem tanto ser conscientes como inconscientes. O que a memória individual grava, recalca, exclui, relembra, é evidentemente o resultado de um verdadeiro trabalho de organização" (POLLAK, 1992, p.205).

Dessa forma, o que construímos de lembranças enquanto indivíduos não está livre da seleção, organização e influências do tempo presente. As memórias podem ainda, ter base em fatos reais ou não reais, quando se está num processo de reconstrução de lembranças pode ocorrer invenções, confusões, projeções e incoerências, envolvendo ainda esquecimentos e silêncios de forma consciente e inconsciente.

Com relação à formação de identidade, Pollak diz que a memória também contribui para a criação do sentimento de identidade, que significa a autoimagem que os indivíduos e grupos constroem para si mesmo e para os outros, e possui três elementos, "unidade física – que se refere ao corpo, ao território - continuidade no tempo e sentimento de coerência. Portanto, memória e identidade sempre se relacionam, as lembranças consolidadas conservam a representação de um grupo, para isso é necessário que exista uma certa concordância entre as lembranças dos indivíduos, pois dessa forma elas podem servir de reforço, apoio e complemento uns dos outros.

> Segundo Pollak, a homogeneidade de um grupo, vista por Halbwachs como sinal de funcionalidade, só pode ser entendida como o resultado da hegemonia de um segmento mais poderoso sobre os demais. Como bem afirma

> Halbwachs, a memória tem um caráter múltiplo, na medida em que cada grupo cultiva um conjunto particular de lembranças. Na visão de Pollak, porém, é justamente essa diversidade que leva a memória a se tornar um objeto de conflitos e disputas, pois os grupos procuram salvaguardar suas visões sobre o passado, impondo-as sobre os demais (RIOS, 2013, p .11).

A memória tem caráter seletivo. Para Pollak, trata-se de um "enquadramento" em que alguns eventos são priorizados por indivíduos e grupos que destacam elementos que auxiliam na manutenção de privilégio de poder. As memórias de caráter hegemônico não são neutras, elas estão diretamente relacionadas aos interesses dos grupos dominantes, que elegem suas próprias memórias em detrimento da memória de grupos marginalizados.

Os grupos marginalizados, no entanto, não deixam de produzir suas próprias memórias, mas eles sofrem com a opressão, as "memórias subterrâneas" de minorias políticas, segmentos pobres, movimentos sociais, segundo Pollak ao serem reprimidas podem ter a força de romper com a ordem vigente dando outro olhar aos fatos ocorridos.

Ao estarem à margem da sociedade, as memórias dos grupos marginalizados não se propagam por meios oficiais, elas existem como forma de resistência política e cultural, sobrevivendo por vias informais, que abrangem pequenos grupos e são transmitidas pela oralidade. Dessa forma, as histórias de vidas quando relatadas e expostas são um meio para trazer à tona este tipo de memória, que, de modo geral, restringe-se no âmbito familiar ou de grupos silenciados.

Esta pesquisa tem embasamento teórico nestes autores que abordam o tema da memória sobre o prisma da coletividade e da seleção, desta forma, pretendemos investigar a memória de um grupo de mulheres idosas que moram na periferia, cuja memória de suas vidas em Brasília e suas experiências de vida integram e também diferem da história oficial amplamente divulgada e disseminada.

Os relatos individuais são mediados pelos acontecimentos coletivos, mediações que foram coletadas durante a pesquisa e que são objeto de análise deste trabalho. Essas mediações reconstroem a história não oficial por meio da memória de eventos com base em experiências individuais, portanto o indivíduo tem presente em sua trajetória de vida as variabilidades do que aconteceu com o grupo no qual é inserido, sendo uma parte representativa desses grupos, com os quais foi pertencente ao longo da vida.

Esta pesquisa está baseada em entrevistas que foram realizadas em circunstâncias específicas, resgatam a memória para conhecer os processos sociais através do olhar daqueles que estão dentro dos acontecimentos, mas não podemos simplesmente tomar os relatos produzidos como histórias que podem ser utilizadas largamente na construção do passado.

Os relatos não são isentos de neutralidade, portanto devem passar por um olhar crítico de quem reconstrói a história, relatos refletem a trajetória dos sujeitos que falam, de certa forma a memória de pessoas que viveram no passado ajudam a construir fatos vividos de forma direta, e não conhecer o passado por meio de um intermediário, o que significa compreender o passado através de outras fontes ou escritos produzidos por pessoas que não tiveram experiência na ação.

> Finalmente, no caso das diversas pesquisas de história oral, que utilizam entrevistas, sobretudo entrevistas de história de vida, é óbvio que o que se recolhe são memórias individuais, ou, se for o caso de entrevistas de grupo, memórias mais coletivas, e o problema aí é saber como interpretar esse material. (POLLAK, 1992, p. 1)

O indivíduo possui suas próprias recordações e quando fala da sua vivência, administra suas lembranças procurando formar uma autoimagem que se adeque à sua condição existencial no presente, tentando dar coerência a sua trajetória de vida.

> As situações vivenciadas pelo grupo são elaboradas internamente pelos indivíduos, que criam suas próprias visões e interpretações sobre os eventos. Pollak destaca, portanto, a importância da agência individual para a formação das lembranças e procura conectar os planos micro e macro da vida social em sua análise, mostrando que a estrutura se constitui, se expressa e se modifica no plano da ação individual (RIOS, 2013, p. 13)

Os dois autores trabalhados acima são ícones no trabalho sobre memória coletiva fora do Brasil. A produção acadêmica dos estudos sobre memória coletiva no Brasil começou a despertar maior interesse a partir do trabalho de Ecléa Bosi, publicado em 1979 com base em sua tese de livre docência, com o livro “Mémoria e Sociedade: lembranças de velhos”, apesar de ter sido publicada no âmbito da psicologia social, departamento ao qual pertencia a autora, foi a partir deste trabalho que a memória coletiva começou a chamar mais atenção da ciências sociais.

Ecléa Bosi fez um estudo sobre a memória de velhos, e para “colhê-las” *(termo utilizado pela própria autora)* entrevistou pessoas que tinham em comum a idade acima de 70 anos e a cidade de São Paulo. Não foi alvo de suas preocupações o tamanho de sua amostragem, mas sim de registrar uma memória pessoal, com isso a autora pretendeu demostrar que esta memória é também social, familiar e grupal.

O método de abordagem foi pela formação de vínculo de amizade e confiança com idosos, como método a observação participante, participando da vida do entrevistado, na pesquisa que realizou, a autora declara que foi sujeito e objeto, sujeito quando se colocava na

posição de indagador e objeto enquanto se colocava na posição de ouvir e transmitir a memória de alguém constituindo-se um meio de transmissão.

Em sua pesquisa, a autora se preocupou em contar as memórias colhidas de forma oral e transcrevê-las "tal como colhidas no fluxo de sua voz". (BOSI, 1994, p. 38). E, para esclarecer o propósito de seu trabalho, a autora diz que "talvez deva insistir em duas negativas para delimitar bem o âmbito da obra: não pretendi escrever uma obra sobre *memória,* tampouco sobre a *velhice.* Fiquei na intersecção dessas duas realidades: colhi memórias de velhos." (BOSI, 1994, p. 39)

A abordagem do tema da memória coletiva em seu livro, passa por Bérgson e Halbwachs, iniciando com o fenômeno da lembrança em Bérgson, em que o princípio central da memória é a conservação do passado, sendo que o passado sobrevive "quer chamado pelo presente sob as formas da lembrança, quer em si mesmo, em estado inconsciente." (BOSI, 1994, p. 53)

Bérgson, segundo Bosi (1994), persegue em sua obra, a fenomenologia da lembrança fazendo distinções de caráter analítico. Em resumo o esforço do filósofo está centrado "de um lado, no par percepção-ideia, par nascido no coração de um presente corporal contínuo; de outro, no fenômeno da lembrança, cujo aparecimento é descrito e explicado por outros meios. Essa oposição entre o perceber e lembrar é o eixo do livro, que já traz no título o selo da diferença: matéria/memória." (Bosi, 1994, p. 46)

Bérgson ainda faz distinção entre dois tipos de memória: a memória-hábito em que o corpo guarda esquemas de comportamento tendo uma ação automática sobre as coisas - memória dos mecanismos motores – incorporada à praticas do dia a dia. Já a lembrança isolada, imagem-lembrança, independe do hábito, seriam autenticas ressureições do passado, traz à tona um momento singular, que tem data certa, situação definida, individualizada, e de caráter evocativo.

Por meio da memória, a relação entre o passado e presente pode ser observada enquanto fenômeno psicológico interferindo nas representações presentes, o passado submerge e a memória aparece como força subjetiva, contudo, segundo Bosi (1994, p. 54) falta na obra de Bérgson a um tratamento da memória como fenômeno social, desta forma ela traz Halbwachs para suas análises, afirmando que:

> A mudança de visada se dá na própria formulação do objeto a ser apreendido: Halbwachs não vai estudar a memória, como tal, mas os "quadros sociais da memória". Nessa linha de pesquisa, as relações a serem determinadas já não ficarão adstritas ao mundo da pessoa (relações entre o corpo e o espírito, por exemplo), mas perseguirão a realidade interpessoal das instituições sociais. A

> memória do indivíduo depende do seu relacionamento com a família, com a classe social, com a escola, com a igreja, com a profissão; enfim, com os grupos de convívio e os grupos de referência peculiares a esse indivíduo. (BOSI, 1994, p. 54)

Dessa forma, a autora traz para suas análises o conceito de memória coletiva de Halbwachs, introduzindo este campo nos estudos brasileiros. Halbwachs contrapõe Bérgson e atrela a memória individual a memória de grupo, que forma a memória coletiva da sociedade. Com o exemplo da releitura, em que jamais podemos ler um mesmo livro em tempos diferentes e ter as mesmas impressões, o reviver o passado de modo como ele foi vivido torna-se impossível.

Portanto, a lembrança construída pelos elementos que estão presentes em nossa consciência atual não pode ser recordada exatamente como foi, como se estivesse preservada da forma que aconteceu no nosso inconsciente, o fato de lembrar do passado no tempo presente com ideias, valores, e realidade atual, não condiz com a conservação total do passado e sua rememoração na íntegra.

Halbwachs abordará a memória como fato social, seguindo a linha de Durkheim, seu orientador "Nessa linha de pesquisa, as relações a serem determinadas já não ficarão adstritas ao mundo da pessoa (relações entre corpo e espírito por exemplo), mas perseguirão a realidade interpessoal das instituições sociais. A memória do indivíduo depende do seu relacionamento com a família, com a classe social, com a escola, com a Igreja, com a profissão; enfim, com os grupos de convívio e os grupos de referência peculiares a esse indivíduo (BOSI, 1994, p. 54)

Para Ecléa Bosi, o estudo das lembranças de pessoas idosas permite verificar o caráter psicossocial da memória, pois

> elas já atravessaram um determinado tipo de sociedade, com características bem marcadas e conhecidas; elas já viveram quadros de referência familiar e cultural igualmente reconhecíveis; enfim, sua memória atual pode ser desenhada sobre um pano de fundo mais definido do que a memória de uma pessoa jovem, ou mesmo adulta, que, de algum modo ainda está absorvida nas lutas e contradições de um presente que a solicita muito mais intensamente do que a uma pessoa de idade. (BOSI, 1994, p. 60)

Nesse sentido, este trabalho de conclusão de curso percebe a que analisar as trajetórias de vida de idosas que vivenciaram transformações sociais, quadros sociais de referência como a construção da capital e o surgimento de Ceilândia como região marginalizada, possuiu relevância social e dá voz àquelas que participaram ativamente desses processos.

Outros trabalhos foram realizados desde a publicação do livro de Ecléa Bosi, e uma autora que se destacou nos estudos e publicações sobre memória social, como campo de investigação nas ciências sociais, é Myrian Sepúlveda dos Santos, que, desde 1993, publica artigos relacionados ao tema. Em 2003, publicou a primeira edição do livro “Memória Coletiva e Teoria Social”, no qual a autora aborda a memória coletiva e a modernidade buscando mostrar como o passado se articula com experiências diversificadas vividas no tempo presente.

Quando os aspectos sociais passam a ser incorporados nos estudos sobre memória surgem diversos conceitos que representam diferentes abordagens ao fenômeno da memória, para Santos (2006)

> Na procura de definição do que seja "memória", os conceitos explicam seu funcionamento, seu processo criador, suas ligações com a esfera social, com o poder, com o inconsciente, seja ele individual ou coletivo. Poucos deles, no entanto, se concentram nos muitos significados que "memória" possa ter. (SANTOS, 2006, p. 144)

A autora afirma que existe uma imprecisão teórica, o que resulta na tentativa de cientistas sociais construírem sínteses conceituais que tentam dar conta de todos os aspectos relacionados ao objeto de estudo.

Quando recordamos alguma experiência do passado, temos a impressão de que essas memórias são estritamente pessoais, mas como uma construção social os autores Halbwachs e Barllet mostraram que a memória faz parte de um processo social, em que os indivíduos não são vistos como seres humanos isolados, mas interagindo uns com os outros. Para Halbwachs, os indivíduos recordam de acordo com estruturas sociais que os antecedem, os quadros sociais, Barllett destacou que indivíduos tem razões e intenções com significados próprios no processo de construção de suas memórias.

Segundo Santos (2006, p. 49), a teoria da memória de Halbwachs estabelece que indivíduos utilizam imagens do passado enquanto membros de grupos sociais e usam convenções sociais que não são completamente criadas por eles. Indivíduos não recordam sozinhos, quer dizer, eles sempre precisam da memória de outras pessoas para confirmar suas próprias recordações e para lhes dar resistência. O sociólogo tem o mérito, portanto, de ter sustentado a tese de que, mesmo que o indivíduo estivesse só, recordaria através de memórias que não seriam só suas. Indivíduos não se lembram por si mesmos e, para lembrarem, necessita, da memória coletiva, isto é, da memória que foi construída a partir da interação entre indivíduos.

O indivíduo se recorda de maneiras diferentes, isto acontece porque cada um deles tem uma única trajetória de vida, sendo que ao longo de suas vivências apropria-se de diferentes combinações dos quadros já constituídos, diante de tantas construções coletivas caberá sempre ao indivíduo a escolha e seleção das memórias disponíveis.

A autora aponta a importância que estes dois teóricos tiveram nos estudos sobre a memória, mas também aponta que eles tentaram explicar a memória a partir de representações coletivas e de estruturas da percepção, no entanto estas teorias não podem ser as únicas possibilidades explicativas para todo e qualquer fenômeno relacionado à memória.

A memória como crítica social traz importantes reflexões sobre a utilização da memória na modernidade, é constante nas representações da modernidade a ameaça da amnésia coletiva, a memória pode ser um instrumento de dominação tanto quanto o esquecimento. Para Marcuse e Benjamin, a perda dos vínculos entre gerações e o isolamento crescente de indivíduos seriam aspectos de uma sociedade pós tradicional, em que experiências do passado deixariam de exercer seu papel na condução de hábitos e atitudes do presente (SANTOS, 2006, p. 27-28).

> Os homens, argumentavam eles, estariam submetidos a uma razão instrumental, que seria o resultado da internalização do controle material e econômico. A razão humana teria, em consequência, perdido seu potencial revolucionário e crítico e teria se transformado em uma ferramenta de dominação (SANTOS, 2006, p. 106).

A memória teria diversas nuances como legitimação, deslegitimação, distinção, dominação, na medida em que a história é escrita pelos vencedores, existindo uma articulação entre a memória e a dominação, pois o poder dominante para se garantir no domínio, busca se explicar por meio da própria origem, na manutenção de suas lembranças em monumentos e comemorações (ASSMANN, 2011, p. 151).

Assim, de acordo com Burke (1992), a partir dos anos 70, os estudos sobre a memória social darão maior importância a histórias de vida de indivíduos e grupos, opondo-se aos grandes discursos que se apoiavam nas etapas evolutivas da história. Os trabalhos sobre políticas da memória, com base na história oral e na oralidade, ganharam relevância, transformando os relatos do passado em objetos de estudo, alterando a perspectiva histórica hegemônica.

Após estas passagens sobres as principais teorias sociais da memória que vimos neste capítulo, conclui-se, em acordo com Santos (2006, p. 196), que “Escrever sobre a memória é escrever, por um lado, sobre a relação entre indivíduo e sociedade e, por outro, sobre a relação entre passado, presente e futuro”.

Dessa forma, fazer uma sociologia da memória torna-se fundamental, pois possibilita associar os diversos conceitos de memória e suas as diferentes ocorrências, o que contribui para compreensão das narrativas que abordam o passado, bem como as relações sociais que são formadas no presente.

# ENVELHECIMENTO E CIDADE

*"Que é, pois, ser velho na sociedade capitalista? É sobreviver. Sem projeto, impedido de lembrar e de ensinar, sofrendo as adversidades de um corpo que se desagrega à medida que a memória vai-se tornando cada vez mais viva, a velhice, que não existe para si mas somente para o outro. E esse outro é um opressor."* (CHAUÍ, 1994, p. 18)

## 2.1 Envelhecimento

No mundo contemporâneo, o processo de envelhecimento vem passando por mudanças, como por exemplo, o prolongamento da velhice com o aumento da expectativa de vida, o que tem sido possível pelo uso de novas tecnologias, desenvolvimento de políticas de saúde, entre outros fatores, fazem com que as pessoas vivam por mais anos.

Dados da Organização Mundial da Saúde (OMS, 2015) indicam que o envelhecimento da população está se acelerando rapidamente em todo o mundo, o ritmo de envelhecimento da população é muito mais rápido do que no passado, em 2014 a população de idosos no mundo era de 841 milhões de pessoas, este número chegará a 2 bilhões de pessoas em 2050.

Os dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE (2010) confirmam essa tendência em relação ao número de pessoas idosas com 60 anos ou mais, a proporção tem aumentado progressivamente, chegando a cerca de 21 milhões de pessoas idosas, ou seja, aproximadamente 11% da população brasileira. No caso do Brasil, os últimos dados apontam que no ano de 2030 a população idosa chegará a 41,5 milhões, ou seja, 18% da população nacional.

A longevidade pode até ser considerada como uma conquista importante do século XX, mas precisa ser observada em seus aspectos sociais, embora as pessoas estejam vivendo mais, não significa que estejam vivendo bem.

No Distrito Federal, no ano de 2010, o percentual de pessoas idosas era de 7,7 %, já em 2013, a população de pessoas acima de 60 anos era mais de 326 mil, chegando ao percentual de 12,8% da população total. As projeções para 2020 e 2030 são, respectivamente, de 10,4% e 14,9%, conforme dados da Companhia de Planejamento do Distrito Federal (Codeplan), em

publicação realizada em agosto de 2013, denominada “Perfil dos idosos no Distrito Federal, segundo as regiões administrativas”. Esse perfil foi construído com base nos dados da Pesquisa Distrital por Amostra de Domicílio (PDAD/DF – 2011) que foi realizada em 30 Regiões Administrativas do Distrito Federal.

De acordo com o perfil apresentado pela Codeplan, a faixa etária que concentra a maior quantidade de idosos no Distrito Federal é a de 60 a 64 anos, com 31,9% do total, seguida da faixa de 65 a 69 anos, com 24,4% e de 70 a 74 anos, com 19,4%. A faixa de idosos entre 75 e 79 anos compreende 12,0% do total e a de 80 anos e mais, soma 12,2%.

Deve-se destacar que, na pesquisa, o maior contingente de idosos reside no Plano Piloto e em Ceilândia, com cerca de 45 mil idosos cada, o que representa 14% em cada região se comparado ao total de idosos no DF. A terceira maior região em número de idosos é Taguatinga, com aproximadamente 36 mil pessoas, representando 11,1% do total.

Do total de 326 mil idosos residentes no Distrito Federal em 2011, as mulheres correspondiam a 56,0% e os homens a 44,0%. Essa proporção é superior à verificada para o conjunto da população (52,5% e 47,5%), denotando que, em média, as mulheres alcançam maior tempo de vida que os homens.

Na pesquisa, os idosos naturais do DF são as pessoas que aqui residiam quando os municípios de Planaltina, Luziânia e Formosa compunham o Distrito Federal. Essas pessoas representam 0,3% do total de idosos, sendo que 99,7% vieram de outros estados e do exterior. Pouco mais da metade dos idosos migrantes é oriunda da Região Nordeste (50,4%), seguidos dos nascidos na Região Sudeste (31,9%). Os originários da Região Centro-Oeste são 11,5%; da Região Sul são 3,0% e da Região Norte são 2,1%. Os oriundos do exterior representam 0,7% da população total de idosos. Em Ceilândia, por exemplo, os migrantes são 66,2% do Nordeste e 21,7% da Região Sudeste.

Em 2011, 63,3% dos idosos eram casados, 22,1% viúvos, 8,2% separados e 7,3% se declaram solteiros. Com respeito a religiosidade, os idosos são, em maior proporção, católicos (69,0%), seguidos dos evangélicos (21,5%) e espíritas (4,6%). Os que professam outras religiões perfazem apenas 1,6%.

No que tange à escolaridade, os idosos representam 60,4% da população considerada analfabeta no DF. Do total da população idosa, os chamados analfabetos funcionais são 17,6%, os que possuem ensino fundamental incompleto somam 33,5%. Somente 10,8% dos idosos do DF possuem o ensino fundamental completo, 16,8% conseguiram completar o ensino médio e apenas 1,3% possuem curso superior.

A renda da população idosa do Distrito Federal é mais alta com relação a outros idosos no país, no entanto quando observado com mais detalhe, existe uma desigualdade quando se considera a região de moradia e o gênero. Os rendimentos dos idosos que moram no Lago Norte são 11,5 vezes maiores do que os rendimentos de um idoso que reside no Itapoã e com relação ao gênero o rendimento médio do idoso é o dobro do rendimento médio de uma idosa.

Os dados apresentados são importantes para conhecer como os idosos do Distrito Federal estão vivendo, no entanto, o processo de envelhecimento é complexo, não se pode analisá-lo somente por dados demográficos, isolados de uma realidade social dinâmica. O Brasil é um país em desenvolvimento com alto índice de desigualdade social, e fatores como pobreza, exclusão social, falta de acesso a políticas públicas, incidem diretamente no processo de envelhecimento, tendo em mente que estamos vivendo um processo de transformação social em que idosos representarão uma parcela relevante da sociedade. A presença do cidadão idoso é cada vez mais participativa e consciente no espaço social.

Podemos observar que existe uma contradição em que a busca por uma maior expectativa de vida, não é proporcional à valorização da pessoa idosa que, de modo geral, é colocada à margem da sociedade. Ocorre uma maior valorização da juventude, a indústria da beleza passa a enaltecer a aparência e o corpo jovem, enquanto a velhice é associada à decadência. O envelhecimento é associado a uma série de estigmas como: limitação funcional, a incapacidade, da falta de papéis sociais, da improdutividade, entre outros, desta forma a velhice, na sociedade contemporânea é desvalorizada e, assim a história, os conhecimentos, as experiência de vida, não são reconhecidas pela sociedade como fonte de sabedoria. De modo geral, em nossa sociedade, os velhos são: ignorados, desprezados, estigmatizados, abandonados (GOLDENBERG, 2012, p. 32).

De acordo com Schneider e Irigaray (2008, p.587), “as concepções de velhice nada mais são do que resultado de uma construção social e temporal feita no seio de uma sociedade com valores e princípios próprios que são atravessados por questões multifacetadas, multidirecionais e contrárias”.

Desse modo, os aspectos que configuram o processo de envelhecimento incluem diversas características que abarcam a importância do contexto social na determinação da idade da velhice. Esse processo não é algo determinado pela idade cronológica, envolve a integração entre as vivências pessoais e o contexto social e cultural. No processo de envelhecimento, estão envolvidos os aspectos biológicos, cronológicos, psicológicos e sociais.

Atualmente, existe uma difusão de termos para definição de velhice, por exemplo, terceira idade, melhor idade, adulto maduro, idoso, velho, meia-idade, maturidade, idade

madura e etc. O uso de tantos termos e expressões denota o preconceito com a faixa etária, as expressões tem o objetivo de suavizar, amenizar, disfarçar a carga negativa e o estereótipo atribuído à velhice.

Existem diversas formas de se definir e conceituar a velhice. A Organização Mundial de Saúde (OMS) define que idosos são indivíduos com idade acima de 65 anos em países desenvolvidos e acima de 60 anos em países em desenvolvimento

Em referência ao aspecto biológico, o Estatuto do Idoso (BRASIL, 2003) denomina idoso a pessoa com 60 anos ou mais. A partir desse critério etário também são atribuídas pela sociedade várias expectativas, comportamentos, papéis e espaços sociais condizentes a esta população, criando estereótipos (SILVA; CACHIONI; LOPES, 2012).

Nessa fase do ciclo vital, o ser humano fica mais vulnerável às perdas consideradas normais dentro do processo evolutivo. Entretanto, a velhice não pode ser sinônimo de doença, incapacidade e inutilidade. De acordo com Ecléa Bosi (2012, p. 18), ser idoso "é lutar para continuar sendo homem, é tentar sobreviver no cotidiano da sociedade contemporânea que vive uma exagerada preocupação com o presente e com o futuro e nega a relação com passado".

A velhice não é definida simplesmente por cronologia, mas pelas condições físicas, funcionais, mentais e de saúde das pessoas. Dessa forma, é possível afirmar que pode se observar idades biológicas subjetivas em pessoas com a mesma idade cronológica Schneider e Irigaray (2008, p. 589).

A idade cronológica, portanto, não é uma medida precisa para identificar o processo de envelhecimento pois, existem variações no estado de saúde, na participação social, e em outras características entre pessoas que possuem a mesma idade.

De acordo com os autores Schneider e Irigaray (2008, p.587), o envelhecimento humano pode ser compreendido como um processo complexo e composto pelas diferentes idades: cronológica, biológica, psicológica e social.

Ainda, de acordo com Schneider e Irigaray (2008), a idade cronológica mede a passagem do tempo decorrido desde o nascimento, o tempo se estabelece como aspecto absoluto e objetivo, sabemos que o tempo é socialmente construído, portanto torna-se algo que não é determinante na definição da idade. A idade biológica é definida pelas modificações corporais e mentais que pode ser compreendido como um processo que inicia antes do nascimento, faz parte da existência humana, sendo que as mudanças e perdas fazem parte deste processo. A idade social diz respeito à quando uma pessoa pode ser considerada mais velha ou mais jovem, dependendo de seu comportamento dentro de uma classificação esperada para sua idade, avalia-se o grau de adequação de um indivíduo ao papel que se espera dele na sociedade. A idade

psicológica é definida quando se considera a relação que existe entre a idade cronológica e à capacidade psicológica, como percepção, memória, aprendizagem.

O avanço da idade, de fato, traz várias transformações físicas e mentais, além da mudança de papéis sociais, por isso é preciso conhecer bem o processo de envelhecimento para que a sociedade supere os preconceitos e o idoso possa viver de forma plena e com condições de crescimento pessoal e social.

Para a superação dos estigmas, é preciso reforçar a ideia de que não existe uma única forma de envelhecer, pois na verdade, o processo de envelhecimento é multifatorial, sendo influenciado por questões como história de vida, hábitos alimentares, prática de atividades físicas, características genéticas, até questões como acesso a serviços de saúde, educação, segurança e participação social.

Com o aumento da expectativa de vida, muitos idosos estão buscando na velhice uma oportunidade de viver novas experiências, de dedicar o tempo livre a planos que foram adiados, como por exemplo: estudar, estabelecer novos relacionamentos, viajar ou até mesmo trabalhar, para alguns a aposentadoria pode significar exclusão da vida social e produtiva, mas para outros pode significar o início de uma nova fase da vida com outras possibilidades.

A OMS (2015) define o Envelhecimento Saudável como "o processo de desenvolvimento e manutenção da capacidade funcional que permite o bem-estar em idade avançada". Diversas pesquisas estão sendo dedicadas à demonstração de que várias doenças associadas à velhice podem ser prevenidas ou suavizadas, por meio de novos hábitos saudáveis por partes dos idosos, como a prática da atividade física, a alimentação equilibrada e as ações de socialização.

Como o processo de envelhecimento é multifatorial, diversos áreas têm se dedicado a estudar sobre esta temática, principalmente após as recentes alterações demográficas mundiais. O Brasil não fica de fora do processo de envelhecimento populacional, portanto é necessário que diversas disciplinas discutam sobre o tema. Assim, a sociologia, tendo por seu objeto de estudo a sociedade e suas transformações, também precisa se dedicar ao estudo do envelhecimento populacional e ao impacto deste fenômeno.

Com todas as transformações atuais, a questão do envelhecimento para a dinâmica social deve ser debatida atualmente, precisa ir na direção da rejeição de estereótipos e lutar contra os preconceitos que cercam o envelhecimento. Ao mesmo tempo, a sociedade e também a reflexão sobre ela construída pela sociologia podem buscar novas possibilidades e significados para esta fase da vida.

A velhice é vista de diferentes modos, de acordo com períodos históricos ou cultura de cada sociedade. Em algumas culturas, a pessoa idosa é vista como uma fonte de sabedoria e experiência para os mais jovens, representando a continuidade da história, memória e transmissão de conhecimentos.

Em nossa sociedade capitalista, onde a quebra com a tradição é valorizada, o passado representa o atraso, a preocupação quase obsessiva com o tempo presente e o olhar para o futuro gera a vontade de se distanciar de tudo que possa lembrar o passado, o antigo, o tradicional. A valorização do tempo presente muda a forma com que a sociedade percebe a passagem do tempo. Alguns autores no campo das ciências sociais segundo Nicolazzi (2010), como François Hartog, têm caracterizado este fenômeno como "presentismo", em que "nós vivemos enfim em um tempo de presentismo forte, onde um presente onipresente e hipertrofiado pretende não ter outro horizonte senão ele mesmo".

Quando se pensa em produtividade, o idoso é visto como uma força de trabalho de baixo lucro, que deve ser substituído por jovens com maior disposição para o trabalho e informações modernas.

É no contexto da sociedade contemporânea que o idoso perde espaço para as formas mais modernas de registros dos acontecimentos do passado. A contribuição do idoso para a construção do passado, nesse sentido, é a de relembrar os eventos por meio de suas histórias de vida e, desse modo, temos a possibilidade de compreender o entrelaçamento entre biografia e história como nos ensina W. Mills em a "Imaginação Sociológica" (1969).

Ecléa Bosi destaca que "o ser humano maduro ao deixar de ser um membro ativo da sociedade no momento da velhice resta-lhe uma função própria que é a de lembrar, de ser a memória da família, do grupo, da sociedade" (BOSI, 1998, p. 47). Dessa forma, a prática de recordação para o idoso é uma forma de afirmar sua identidade enquanto detentor das experiências do passado, e do não esquecimento do modo de vida anterior a uma geração.

Mas, ao contrário do que se espera que seria a valorização do idoso e de sua experiência, observa-se que existe uma rejeição aos conselhos, lembranças e experiências dos mais idosos, o que impede e exclui a expressão dessas pessoas.

A pessoa idosa enquanto sujeito ativo construtor do passado quando narra sua história de vida, suas lembranças, experiências, lugares que frequentou, fatos históricos que presenciou, não está somente dando voz à sua história particular, mas está colaborando com a memória coletiva do grupo em que está inserida. De acordo com Nascentes (2004)

> é por meio da memória que percebemos e sentimos noção de pertencimento e continuidade, assim como, é pela memória que se constroem os significados da vida presente, da vida cotidiana dos indivíduos. E para a construção de um conhecimento cujo informante é o idoso, a memória é a ferramenta, o recurso sem o qual seria impossível constituir uma narrativa consistente e coerente com o sentido de busca da compreensão da existência humana, cuja história se inscreve no tempo, na dinâmica inafastável do presente que se torna pretérito na espera do porvir (NASCENTES, 2004).

Dessa forma, para o idoso, o ato de rememorar é um fato que lhe possibilita sentir-se pertencido ao grupo social, ao lembrar de seu passado o idoso traz um conhecimento específico sobre a experiência vivida e fatos que marcaram a história de vida dos indivíduos. Quando a memória é resgatada com o ato de rememorar, pode vir à tona fatos que permaneceram desprezados e silenciados. Ao contar história, narrar fatos, o narrador produz sentidos posicionando-se dentro da sociedade, identificando-se dentro da história contada, sendo a narração fundamental para a sobrevivência do passado e sua ligação com o presente.

Quando analisamos a história de vida da pessoa idosa, identificamos suas vivências, problemas, fatos marcantes vividos, desta forma podemos identificar as transformações de suas vidas. De acordo com o pensamento de Halbwachs (2008), quando o indivíduo narra suas recordações, entramos em contato com a lembrança única, a experiência solitária, da qual o informante é a única testemunha, mas este não está só, ele faz parte de uma "comunidade afetiva", que traz todo o contexto das situações sociais partilhadas, pelo grupo e com outros membros do grupo.

No texto "A memória nos idosos e a nostalgia do passado", Halbwachs faz a reflexão de que o lembrar para o adulto é deixar-se ser levado pela imaginação, é uma distração diante das pressões do cotidiano. Já quando o idoso se recorda, o lembrar transforma-se em ocupação, pois o idoso não está atuante ativamente na sociedade, assim ele é capaz de reviver seu passado sem as dificuldades impostas pela sociedade. Nas sociedades primitivas, os anciões eram "guardiões da tradição", pois enquanto membros não ativos da sociedade, eles podiam conversar com outros anciões detectando os detalhes dos rituais tradicionais e assim transmiti-los aos jovens.

> Em resumo, o idoso se interessa pelo passado bem mais que o adulto, sem que siga que esteja em condições de mencionar mais lembranças deste passado do que quando era adulto, nem, sobretudo que as imagens antigas, enterradas no inconsciente desde sua infância, só então "encontrem a força de se cruzar o limite máximo da consciência". (HALBWACHS, 2008, p. 670)

Nesse sentido, a Lei n.º 10.741, de 1º de outubro de 2003, que institui o Estatuto do Idoso (Brasil, 2003), reforça o direito de participação do idoso para a pesquisa de memória, ao declarar, no Capítulo V, Artigo 21 § 2º, que "os idosos participarão das comemorações de caráter cívico ou cultural, para transmissão de conhecimentos e vivências às demais gerações, no sentido da preservação da memória e da identidade culturais".

Através de suas "histórias", as pessoas idosas podem se inscrever socialmente e, assim, evidenciarem personalidade política, atuação social, cultural e econômica. Os relatos de pessoas idosas podem trazer à tona uma problemática pouco visível, provocando à discussão e a produção do saber e fazer na política pública (Meihy, & Holanda, 2013). A respeito disso, Bosi nos traz a seguinte reflexão: "Uma história de vida não é feita para ser arquivada ou guardada numa gaveta como coisa, mas existe para transformar a cidade onde ela floresceu" (BOSI, 2012, p. 69).

Dessa forma, ao contar sua história, o idoso não só narra sua experiência de vida, mas dá um significado à sua própria vida, criando a possibilidade de uma participação ativa na sociedade. A memória do idoso representa um importante objeto de análise, pode-se transformar em uma importante reflexão acadêmica, pois a partir da rememoração os indivíduos podem se sentir pertencentes a grupos e à sociedade, produzindo representações sobre as vida cotidiana, valores e tradições que são manifestados pelas narrações orais.

## 2.2 A cidade de Ceilândia, sua história e seus habitantes

A construção de Brasília provocou um intenso fluxo migratório para a área central do Brasil, muitos trabalhadores de todo o país decidiram arriscar a vida no novo empreendimento governamental. Desde a sua chegada, os milhares de migrantes foram se instalando em barracos em áreas desabitadas próximo às construções onde trabalhavam, assim teve-se o início das invasões populares em terras públicas do Distrito Federal.

Umas dessas áreas de invasão era chamada de Instituto de Aposentadoria e Pensão dos Industriários - IAPI que tinha mais de 80 mil habitantes vivendo em aproximadamente 15 mil barracos. Segundo a Secretaria de Serviços Sociais da época, era necessário fazer a remoção dos "favelados" que se encontravam em situação sub-humana, sendo, segundo a própria secretaria "A política estabelecida pelo Governo do Distrito Federal previa no entanto, não apenas uma transferência de invasões de uma área para outra, mas criar um núcleo habitacional

dotado de toda a infraestrutura e equipamentos comunitários necessários à vida urbana.” (GDF, 1973, p. 14)

As motivações dos criadores da chamada “Comissão de Erradicação de Favelas” criada em 1970, seria oportunizar para a população melhores condições de vida, integração com o Distrito Federal, proteção sanitária, e preservação do plano urbanístico de Brasília, conforme registro do GDF em 1973:

> Os fatores básicos que motivaram a remoção foram então: - melhorar as condições de vida da população marginalizada, oferecendo-lhes possibilidades de integração na comunidade do Distrito Federal; - proteção sanitária da população favelada e da população em geral, visto encontrar-se quase a totalidade das favelas às margens de riachos que têm suas deságuas no lago do Paranoá; - promoção social das famílias faveladas; e - preservação do plano urbanístico de Brasília (GDF, 1973, p.14)

Nesse sentido, a remoção das famílias não era para que estas tivessem seus direitos garantidos enquanto moradores no plano piloto, mas com o pretexto de dar a estas pessoas, uma qualidade de vida melhor, com mais estrutura e proteção sanitária, a retirada para outro local esconde a real intenção de preservação do projeto urbanístico da cidade.

A referida comissão realizou uma pesquisa “sócio-econômica-escolar” com objetivo de conhecer sobre a população que seria removida, esta pesquisa, realizada alguns meses antes da remoção, teve como resultado diante de uma população de 70 mil habitantes, sendo 32% dessa população eram de crianças de 0 a 7 anos, cerca de 22 mil crianças. A maioria das famílias tinha renda em torno de 179 a 356 Cr$, o que corresponde hoje ao quantitativo de 3 a 5 salários mínimos. A escolaridade da maioria dos estudantes (16 mil) 85% era “primária” o que corresponde ao Ensino Fundamental Incompleto (antes 1ª a 4ª séries). Já a população semianalfabeta e analfabeta chegava a aproximadamente 12 mil pessoas, sendo que a pesquisa não considerou os analfabetos acima de 50 anos.

Em 17 de maio de 1959, foi realizado o Censo de Brasília, a pedido do então Presidente da República Juscelino Kubistchek, que gostaria de conhecer de forma mais ampla possível a situação demográfica da nova capital.

De acordo com esse censo demográfico, os primeiros 256 migrantes vieram em sua maioria do nordeste, estes foram denominados primeiros “candangos” – palavra utilizada para identificar os trabalhadores pioneiros. Em 1957, uma contagem populacional indicava que existiam 12.283 candangos no Distrito Federal, em março de 1958 eram 28.000, em 17 de maio de 1959 eram 64.314 mil habitantes. Calcula-se que cerca de 2.000 mil pessoas por mês chegaram na região nos anos de 1956 a 1959.

Dados desse mesmo censo mostram que a maioria dos candangos eram originários dos Estados de Goiás (23,3%), Minas Gerais (20,3%) e Bahia (13,5%). A análise por região de origem identificou que o nordeste era a região de origem de 44% dos candangos. O IBGE também identificou por meio do censo que havia 1.216 estrangeiros vivendo em Brasília.

Ceilândia teve origem na remoção das pessoas que viviam nestas áreas que foram ocupadas pelos migrantes trabalhadores da construção civil. A cidade foi projetada pelo arquiteto Ney Gabriel de Sousa, e a instalação dos novos moradores teve início em 27 de março de 1971.

As informações oficiais[1] mostram que: em 27 de março de 1971, o governador Hélio Prates lançava a pedra fundamental da nova cidade, no local onde está a Caixa D'água, tendo no mesmo dia o início do processo de assentamento das vinte primeiras famílias da invasão do IAPI. Em nove meses, a transferência das famílias estava concluída, com as ruas abertas em torno do projeto urbanístico de autoria do arquiteto Ney Gabriel de Souza – dois eixos cruzados em ângulo de 90 graus, formando a figura de um barril. Estas informações são amplamente divulgadas em sites institucionais do governo e arquivo público do Distrito Federal.

A seguir, mostra-se a história da fundação de Ceilândia, narrada por um morador que recentemente publicou dois livros com os seguintes títulos: "Ceilândia: a história é esta", publicado em 2011, e "Ceilândia: 40 anos depois", publicado em 2013, o autor Leão Hamaral, é jornalista e escreveu o primeiro livro com base em depoimentos coletados do Sr. Gonçalo Gonçalves Bezerra, a quem chamou de o fundador de Ceilândia. A intenção aqui é mostrar um pouco da história que não está presente nos arquivos oficiais e que foi escrita por uma pessoa que não é historiador, mas por um morador da cidade.

Na capa, o autor já diz que seu objetivo é "registrar para a posteridade a história real da maior, mais populosa e a mais midiática das cidades do Distrito Federal.

Conta-se que a migração ocorria motivada pela oportunidade de melhorar de vida na construção da capital e devido à ausência de oportunidades nas áreas rurais do interior do Brasil, principalmente do Nordeste. Ao chegar em Brasília faltava lugares para a construção de moradia para as famílias dos trabalhadores, assim os operários eram obrigados a improvisar sua moradia nas áreas próximas ao canteiro de obras, assim as áreas livres apesar de serem terrenos públicos serviram de lugar para que as pessoas construíssem seus barracos.

Em 1969, então prefeito de Brasília, Sr. Wadjô da Costa Gomide, percebendo o número de invasões crescentes na Asa Norte, decretou que os invasores teriam que ser removidos para

[1] Disponível em: http://www.ceilandia.df.gov.br/category/sobre-a-ra/conheca-a-ra/).

uma área denominada IAPI. IAPI era a sigla do Instituto de Aposentadoria e Pensão dos industriários, que tinha um hospital na região do Núcleo Bandeirante. O Hospital do IAPI atendia a pessoas doentes recém chegadas a Brasília e que se alojavam próximo ao hospital. Dessa forma, a vila que se formou próxima ao hospital recebeu o nome de Vila do IAPI. No final dos anos de 1968 a vila já possuía 17 mil barracos que abrigavam uma população de aproximadamente 80 mil pessoas.

O autor conta que um nordestino de nome Gonçalo Gonçalves Bezerra, fundou a Associação pró-melhoramento dos moradores da Invasão IAPI – APROMOVE, com objetivo de lutar por melhores condições de vida para os "invasores", mesmo ciente das condições políticas em que o país estava passando, naquela época a ditadura militar proibia formação de associações de cunho popular e reuniões de pessoas em torno de interesses coletivos, mesmo assim o Sr. Gonçalo fundou a associação.

Segundo relato de Hamaral (2011):

> Na época, início de maio de 1969, 70 mil pessoas viviam na invasão. A vila, como também era conhecida o IAPI, era terra de ninguém. Por qualquer motivo se matava e morria na vila que embora, servisse de abrigo para a massa de trabalhadores da construção civil, já merecia na impressa o tratamento de favela. Tudo de ruim que acontecia no Distrito Federal era creditado pela imprensa à favela do IAPI. (HAMARAL, 2011, p. 21)

Ao se transformar em Governo do Distrito Federal – GDF, antes era Prefeitura do Distrito Federal – o Coronel Hélio Prates da Silveira que assumiu como primeiro governador, segundo o autor (Hamaral), o Sr. Gonçalo sugeriu ao então coronel governador que se criasse uma nova cidade para onde pudesse ser transferida toda aquela gente do IAPI. "A história não registrou este diálogo entre Gonçalo e o Coronel Hélio Prates. O que foi registrado e está aí para quem quiser investigar, foi a imediata ação do governo que resultou na fundação de uma cidade que se chamaria CEILÂNDIA" (HAMARAL, 2011, p. 23)

No início de 1970 foi criada a CEI – Campanha de Erradicação das Invasões que tinha como objetivo a arrecadação de fundos para a compra de madeiras para ser doada aos moradores que se mudariam para a nova área, esta campanha era chefiada pela primeira dama Vera de Almeida Silveira.

Esta campanha posteriormente foi chamada de Ceilândia, com a demarcação de 17 mil lotes residenciais e com início da remoção dos moradores da IAPI para o novo local. "E foi assim que Ceilândia surgiu para o mundo: uma cidade de barracos, construídos com pedações de madeira, sobras de telhas, sobras de materiais usados nas obras do Plano Piloto e algum

material novo doado pelas Madames voluntárias da CEI – Campanha de Erradicação das Invasões" (HAMARAL, 2011, p. 46).

O projeto urbanístico de Ceilândia, elaborado pelo arquiteto Ney Gabriel de Souza, foi pensado como extensão de Taguatinga, mas segundo o autor, os próprios "taguatinguenses" não aceitaram e se mobilizaram para não receber os novos vizinhos. Em 1971 Taguatinga já era uma cidade com estrutura própria, seus moradores eram oriundos de uma invasão que se chamava Sarah Kubitscheck, mas que já estavam em uma condição melhor, desse modo não concordaram em receber moradores de uma invasão como continuidade de sua cidade.

Com a decisão de ser criado a nova cidade, o nome Ceilândia, surgiu da junção da sigla da CEI com a palavra LAND que significa terra em inglês, foi cogitado para o nome da cidade Guadalajara, cidade mexicana onde o Brasil foi campeão da copa do mundo de 70, porem no final decidiu-se por Ceilândia.

O início da remoção foi em 27 de março de 1971, foram no total 14.690 barracos e 82.904 habitantes. Ceilândia foi a sétima cidade-satélite de Brasília, antes já havia Brazlândia, Planaltina, Núcleo Bandeirante, Taguatinga, Gama e Sobradinho.

Os moradores no início enfrentaram muitas dificuldades pois a cidade, apesar do projeto urbanístico ser entregue aos novos habitantes com uma estrutura urbana mínima, portanto não havia rede de esgoto, energia elétrica, transporte público e não havia água encanada, esta, por quatro anos foi fornecida por meio de caminhões pipa, somente depois da construção da barragem do Descoberto no ano de 1975, é que possibilitou a ligação de água encanada na cidade no ano de 1976.

A caixa d'água foi inaugurada em dezembro de 1974 e fica localizado na área central da cidade, o reservatório foi construído no mesmo local da inauguração da pedra fundamental de Ceilândia, feita pelo então governador Hélio Prates. A construção possui aproximadamente 30 metros de altura.

Em 18 de novembro de 2013 por meio do decreto 34.845 a Caixa d'água foi reconhecida como Patrimônio Histórico do Distrito Federal e é considerada um símbolo de pertencimento à cidade, uma referência central e ainda representa a luta das pessoas que se dirigiam até o local em busca de água para abastecer suas residências. Portanto, por mais que não se constitua em uma referência turística, o reservatório é uma referência de memória para a falta de água e a dificuldade na infraestrutura que os primeiros moradores enfrentaram, transformando-se em um local de memória para os moradores. O símbolo da Caixa d'água aparece em diversas representações da cidade de Ceilândia.

A cidade possui diversos pontos para se lembrar da migração, dos candangos, do nordeste, da cultura nordestina, na música, na comida, nos hábitos e eventos. Outro local de reconhecimento da cultura nordestina é a Casa do Cantador.

A Casa do Cantador foi inaugurada em 9 de novembro de 1986, foi a única obra projetada por Oscar Niemeyer fora do plano piloto, foi registrada como “o Palácio da Poesia e da Literatura de Cordel no Distrito Federal, abriga uma biblioteca com acervos de literaturas de cordéis, é um local de memória e manifestação cultural dos nordestinos migrantes.

Outro local de bastante popularidade na cidade é a feira Central de Ceilândia, que é referência na gastronomia regional nordestina, a feira se desenvolveu em conjunto com a cidade, a cultura de frequentar a feira tornou-se popular pois a população da cidade crescia e o comercio não era suficiente para atender a demanda, então a feira era o ponto central da obtenção de produtos do nordeste, e principalmente da produção de pratos típicos da região. Segundo informações da Codeplan (2015), a cidade possui sete feiras permanentes, no entanto a feira central é mais tradicional, possui 460 boxes para comércio de produtos, serviços e alimentação.

As raízes culturais da cidade também são manifestadas por meio de festas tradicionais como por exemplo o “o Maior São João do Cerrado” que se tornou referência como um grande palco da cultura nordestina no Planalto Central.

A Codeplan, por meio de pesquisa distrital por Amostra de Domicílios realizada em 2015, concluiu que a região administrativa de Ceilândia é a mais densa do Distrito Federal com a população de aproximadamente 490 mil habitantes, se somar a região do Sol Nascente e Pôr do Sol que possuem cerca de 95 mil habitantes, a região total de Ceilândia possui aproximadamente 590 mil habitantes. A alta taxa de crescimento demográfico é composta pelo surgimento de localidades irregulares como Sol Nascente e Pôr do Sol.

A pesquisa identificou que no ano de 2015 a maioria de moradores nasceru no Distrito Federal, 51,67% e mora na cidade há pelo menos 15 anos, enquanto 48,33% são migrantes. A origem dos moradores que vieram de outros estados é composta de 14,61% do Piauí, 12,51% da Bahia e 11,97% do Maranhão. Do total de migrantes, 68,40% são de origem nordestina. As motivações da migração, segundo a pesquisa foram para acompanhar familiares 55,96% e 29,98% vieram a procura de trabalho.

O nível de escolaridade da população é de 35,96% nível fundamental incompleto, 23,94% médio completo, 6,02 de ensino superior e 3,58% de analfabetos.

A renda familiar mensal dos moradores da cidade no ano de 2015 era de R$ 3.076,00, enquanto a renda per capta estava em torno de R$ 915,81. A região do Sol Nascente e Pôr do

Sol estão possuíam renda domiciliar de R$ 2.302,00, e a renda per capta de era de R$ 622,00 evidenciando a diferença de rendimentos nas regiões central e periférica da cidade.

Informações do último Censo do IBGE (2010) apontam que a região do Sol Nascente e Pôr do Sol em Ceilândia então com 56.483 mil habitantes, ficava em segundo lugar em quantidade de população vivendo em áreas suburbanas. A maior população ficava na Rocinha-RJ com 69.161 mil habitantes.

Considerando que o Distrito Federal tornou-se referência como um lugar em que trabalhadores migrantes vieram em busca de uma condição de vida melhor, e que construíram suas trajetórias de vida projetando novas formas de viver diferente daquelas que viviam antes da migração, podemos perceber que a permanência dessas pessoas na cidade, mesmo significando que a cidade buscada não é a mesma em que vivem hoje, percebe-se que os espaços da capital foram reorganizados para atender a estes trabalhadores.

Ao relatar as experiências como moradores da cidade, os idosos, identificam eles próprios e ao mesmo tempo muitas pessoas que percorreram trajetórias semelhantes, formando uma identidade coletiva e pertencente à um grupo social, cuja participação ativa é parte da construção da história do lugar em que vivem.

Quando relatam suas trajetórias pessoais, os idosos contam também um pouco da cidade, dos lugares em que passaram e viveram, desta forma não estão somente construindo e rememorando suas histórias particulares, mas contribuem para memória coletiva do grupo em que estão inseridos, compartilhando lembranças em comum sobre tradições, valores, espaços frequentados, demostrando a articulação entre a memória individual e coletiva, resultado da relação dos indivíduos em seus grupos sociais.

Nesse sentido, em que as lembranças de idosos residentes em Ceilândia evidenciam que as realidades históricas que formaram o Distrito Federal são tão diversas, pois a história enfatiza a centralidade de Brasília (Plano Piloto), construída com base em um projeto modernista e uma história que enfatiza personagens políticos como principais atores da construção de uma nova capital.

No entanto, narrações orais podem apresentar outras perspectivas que diferem das oficiais, possibilitando a compreensão da dinâmica social composta por uma cidade que traz em sua história o estigma da exclusão e da marginalização.

## 3 ANÁLISE DAS NARRATIVAS

*"Na maior parte das vezes, lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar, com imagens e ideias de hoje, as experiências do passado*". (BOSI, 1994, p. 54)

Para introduzir a análise das narrativas, retomaremos alguns pontos importantes para compreensão da intencionalidade deste trabalho, portanto faz-se necessário retomar o objeto desta pesquisa que constitui-se na perspectiva sociológica da memória coletiva e a importância das pessoas idosas como lembradores do passado a partir do tempo presente, desta forma a análise da memória coletiva torna-se um instrumento importante para compreensão dos diferentes processos e relações sociais que formam a vida contemporânea.

Os idosos, alvo desta pesquisa, fazem parte de um segmento social que é excluído socialmente, dado a posição que hoje ocupam na divisão do trabalho social, na vida familiar e na vida em sociedade. Estes são moradores da região administrativa de Ceilândia, a maior região do Distrito Federal, possuem um nível de renda baixo/médio, essas pessoas têm papel definido de forma secundária nos processos sociais, desta forma pode-se oportunizar o protagonismo da construção de suas vidas por meio de suas memórias.

Na construção do trabalho, teve-se como objetivo geral analisar as narrativas e história de vida dos idosos, percebendo as relações entre a memória individual e memória coletiva, a memória de grupos subalternos e a memória oficial sobre a construção da cidade de Brasília, portanto observar os relatos dos migrantes construtores de Brasília, situados fora do plano piloto e cujas vozes nem sempre são consideradas.

Procura-se também relacionar os fatos vividos pelos idosos aos fatos históricos oficiais com a perspectiva dos quadros sociais da memória de Halbwachs. Identificar a percepção dos idosos sobre o lugar que ocupam na sociedade, a construção de suas identidades como construtores de Brasília e hoje como idosos que pertencem a região de Ceilândia.

Observar como a memória coletiva é construída a partir de narrativas de histórias individuais e qual impacto do processo migratório na formação de suas memórias e suas identidades e o modo como percebem e vivenciam sua relação com a cidade.

A pesquisa em questão constitui-se em uma abordagem qualitativa e foi realizada por meio de entrevistas que permitam analisar as histórias de vida de pessoas idosas migrantes.

> Como procedimento metodológico, a história oral busca registrar – e, portanto, perpetuar – impressões, vivências, lembranças daqueles indivíduos

> que se dispõem a compartilhar sua memória com a coletividade e dessa forma permitir um conhecimento do vivido muito mais rico, dinâmico e colorido de situações que, de outra forma, não conheceríamos (MATOS; SENNA, 2011, p. 97)

O método de análise proposto para este trabalho consiste em cruzar a trajetória social, a biografia destes idosos com a história oficial. A pesquisa de campo foi feita por meio de visitas domiciliares e instrumento de coleta de dados utilizado foi a entrevista semidirigida que foram aplicadas com os idosos com objetivo de obter informações sobre a trajetória de vida dos entrevistados. Segundo Matos e Senna, as entrevistas dirigidas e não-dirigidas têm suas vantagens e desvantagens

> A entrevista dirigida prende a testemunha num questionário preestabelecido. A não-dirigida pode fazer com que a testemunha se afaste do tema. A mais indicada é a semidirigida, é um meio termo entre a fala única da testemunha e o interrogatório direto (MATOS; SENNA, 2011, p. 104)

A história de vida como processo de narrar, rememorar, e revisitar a vida de uma pessoa, quando contada por quem vivenciou os fatos passa por uma seleção dos fatos mais significativos durante sua trajetória. Durante a narração dessa trajetória de vida, pode-se obter informações subjetivas daquela pessoa, no entanto, ainda que as histórias de vida sejam pessoais, elas são depoimentos de práticas sociais, pois este indivíduo está inserido na sociedade e em diversos contextos sociais. Segundo Duarte e Barros (2005)

> tal método envolve o uso e a coleta de narrativas e documentos da história da vida. O foco são as experiências vividas. Por meio da história de vida pode-se captar o que acontece na intersecção do individual com o social, assim como permite que elementos do presente fundam-se às evocações passadas (DUARTE;BARROS, 2005, p.18)

As diferentes trajetórias de vida podem contribuir para compreensão do envelhecimento como uma experiência diversificada, influenciada por diferentes contextos sociais, as análises dos relatos dessas trajetórias permite a apreensão tanto do modo como relatam suas experiências de vida quanto esta trajetória traduz o modo de vida da sociedade em se vive.

Os depoimentos sobre as trajetórias de vida desta pesquisa foram coletadas tanto sobre o conjunto de experiências das mulheres idosas, quanto foi enfatizado um conjunto de determinadas experiências as quais vão desde a infância até o envelhecimento, com foco na rememoração da mudança de vida com a vinda para Brasília e posteriormente para Ceilândia.

As narrativas foram obtidas por meio de entrevistas abertas dando ênfase no tema da mudança de cidade. As entrevistas foram realizadas individualmente, na residência de cada idosa, e foram gravadas com a autorização das entrevistadas que também assinaram um termo de consentimento e livre esclarecimento. Antes de cada entrevista, teve-se o cuidado de explicar os objetivos do trabalho, a forma em que os dados seriam tratados e o compromisso com o anonimato das participantes.

As idosas participantes da pesquisa foram selecionadas pela proximidade com a pesquisadora, que como explicitado na introdução, trabalhou 04 anos de forma direta com um grupo de idosos localizado na cidade de Ceilândia-DF. O fato de haver proximidade da pesquisadora com as entrevistadas, permitiu uma relação de confiança, as idosas ao contarem suas histórias por diversas vezes se emocionaram e os sentimentos de alegria, tristeza, raiva, frustação, decepção, satisfação, felicidade, surgiram voluntariamente, foram utilizadas gírias, palavrões, expressões que traduzem a riqueza da diversidade social em que vivemos.

Foram entrevistadas 6 (seis) idosas com idade entre 65 a 89 anos, que foram denominadas de Ana, Bia, Carmem, Dalva, Eva e Fátima. A seis idosas participam do mesmo grupo de convivência, moram no DF a mais de 30 anos, o perfil das entrevistadas foi construído em forma de tabela para melhor visualização conforme a seguir:

**Tabela 1:** Dados sobre origem, idade, migração e tempo que vive no DF, das idosas participantes da entrevista

| | ORIGEM | IDADE ATUAL | IDADE QUE SE MUDOU | ANO DE MUDANÇA | TEMPO NO DF |
|---|---|---|---|---|---|
| **Ana** | Inhumas/GO | 75 | 15 | 1959 | 60 |
| **Bia** | Conquista/BA | 74 | 13 | 1957 | 61 |
| **Carmem** | Codó/MA | 65 | 24 | 1969 | 37 |
| **Dalva** | Teixeira/PB | 89 | 48 | 1977 | 41 |
| **Eva** | São Luiz/MA | 69 | 20 | 1969 | 49 |
| **Fátima** | Corumbá/GO | 71 | 18 | 1966 | 53 |

Fonte: Entrevista com as idosas.

**Tabela 2:** Dados sobre nascimento, escolaridade, estado cível, renda e origem da renda das idosas participantes da entrevista.

| | DATA DE NASCIMENTO | ESCOLARIDADE | ESTADO CIVIL | RENDA (SM) | ORIGEM DA RENDA |
|---|---|---|---|---|---|
| **Ana** | 24/12/1943 | M. C | VIÚVA | 1 | APOSENTADORIA |
| **Bia** | 21/12/1944 | F. I | DIVORCIADA | 1 | BPC |
| **Carmem** | 26/02/1953 | M. C. | CASADA | 1 | APOSENTADORIA |
| **Dalva** | 07/09/1929 | M. I. | VIÚVA | 1 a 3 | APOSENTADORIA e PENSÃO |
| **Eva** | 05/07/1949 | F. I. | CASADA | 3 a 6 | FAMILIARES |
| **Fátima** | 27/10/1947 | M. C. | CASADA | 1 a 3 | APOSENTADORIA |

Fonte: Entrevista com as idosas.

*M.C Médio Completo, F.I. Fundamental Incompleto, M.I. Médio Incompleto

As idosas que participaram desta pesquisa nasceram em um período de mudança na configuração Brasileira de país rural para um país eminentemente em urbanização. O processo de urbanização teve início com a industrialização, que foi um dos principais fatores de deslocamento da população da área rural em direção à área urbana. Até 1950, a população brasileira estava concentrada no meio rural, com o início da industrialização a partir de 1930, a intensificação da migração para as cidades.

A Região Sudeste por concentrar mais industrias recebeu grandes fluxos migratórios vindo das áreas rurais e da Região Nordeste. Na Região Centro-Oeste, a urbanização avançou na década de 60, sendo a construção de Brasília o atrativo para os trabalhadores vindos do nordeste. Segundo o IBGE, a urbanização do centro-oeste foi a segunda região com a maior urbanização do país desde o final da década de 1960 até 1970.

A rápida urbanização do país trouxe como consequência a falta de planejamento urbano com as ocupações irregulares, o que levou a um aumento acelerado das favelas, devido à falta de políticas habitacionais que suprisse a necessidade do fluxo migratório.

### 3.1 Lembranças da infância

Sobre a infância, as idosas se recordam como sendo agradável, em todos os depoimentos surgiram as expressões como:

"*A minha infância foi muito boa, apesar de o pai ser muito rigoroso, mas acho era para o bem mesmo...", (Ana)*

*" A minha infância foi boa, a minha infância foi boa até os 13 anos"(Bia),*

*"Minha infância foi brincar, subir em arvore aí depois no orfanato já com 8 anos, quando eu cheguei no orfanato eu chorei muito, não queria ficar, chorei, chorei, chorei até acostumar demora, né?" (Carmem)*

*"Eu me lembro e foi assim muito pobre mesmo tinha ora que não tinha nem roupa pra vestir direito era o mínimo sabe o mínimo era assim que a gente vivia" (Dalva)*

*"Muito pobre, mais a gente nunca passamos, assim... passamos, eu ia dizer que não passamos fome, mas passamos sim" (Eva)*

"*E eu tive uma infância bem legal, assim passamos dificuldades, muitas dificuldades, muito menino e aí não dava, tinha que passar necessidade mesmo, mais foi feliz que a gente, que qualquer coisa servia pra gente se divertir, uma gangorra que a gente fazia dentro do curral e a gente ficava até de madrugada com a lua clarinha brincando" (Fátima)*

Dessa forma, as idosas consideram que a infância foi uma fase boa, apesar de enfrentar muitas dificuldades. Recordam-se dos lugares onde viveram, do que brincavam, do que seus pais faziam, dos vizinhos, das comidas. A questão do trabalho é muito valorizada nos depoimentos, as idosas relatam que começaram a trabalhar muito cedo, ou no trabalho doméstico para ajudar a mãe ou junto com os pais em comercio, ou em lavouras.

Da mesma forma que lembram as partes boas na infância, também relembram as dificuldades vividas, pois não tinham muitos recursos financeiros. A idosa Ana se recorda de ajudar seus pais no comércio durante a semana, os comércios de pequenas cidades envolviam toda a família, caracterizando um negócio familiar.

As lembranças também abordam a vivência de necessidades mais básicas, relatam que passaram fome, a divisão dos recursos com os irmãos, não havia o que vestirem. A dificuldade de ausência de recursos materiais é relatada por todas as idosas.

> É por isso que dizemos algumas vezes de alguns homens que eles não tiveram infância, porque a necessidade de ganhar seu pão, impondo-se a eles muito cedo, forçou-os a entrar nos domínios da sociedade onde os homens lutam pela vida, enquanto que a maioria das crianças nem sabem que essas regiões existem; ou porque em consequência de uma morte conheceram uma espécie de sofrimento de ordinário reservado aos adultos, e tiveram que enfrentá-lo no mesmo plano que eles (HALBWACHS, 1994, p. 28).

A rememorar sua infância demostram também as consequências de uma vida com restrições, nesses fatos fica evidente a conexão do passado com o presente, por exemplo a irmã que não gosta de peixe hoje por ter comido muito peixe no passado, os peixes eram doados por um comerciante, conforme relatado a seguir:

*"... minha mãe tinha um compadre, que ele até já faleceu, era padrinho do meu irmão, ele não era pescador mais ele vendia peixe, pegava no cais, ... vendia e o que sobrava ele dava pra gente, é tanto que eu tenho uma irmã que não gosta de peixe por isso..., nossa mas ela sofreu muito..." (Eva)*

As condições de vida na infância relatadas pelas entrevistadas perpassam por uma vida social marcada pela desigualdade, exclusão. As famílias eram normalmente numerosas, e os pais trabalhadores rurais, ou em comércios de pequenas cidades. As dificuldades materiais eram presentes nas vidas das entrevistadas, o que demostra a condição de desigualdade vivida em nosso país nas décadas de 60-70, quando as famílias estavam em momentos de transição da zona rural para a zona urbana.

Quando as idosas trazem à tona esses fatos vividos na infância, ela deve ser compreendia como um indivíduo ativo que reconstrói e recorda o passado da sociedade em que está inserida.

Ao dar atenção às histórias de vida da pessoa idosa obtém-se o testemunho subjetivo individual, no entanto, as experiências de vida, refletem uma época, suas normas sociais, os contextos sociais que as pessoas viviam.

> A conversa evocativa de um velho é sempre uma experiência profunda: repassada a nostalgia, revolta, resignação pelo desfiguramento de paisagens caras, pela desaparição de entes amados, é semelhante a uma obra de arte. Para quem sabe ouvi-la é desalienadora, pois contrasta a riqueza e a potencialidade do homem criador de cultura com a mísera figura do consumidor atual (BOSI, 1987, p. 41)

Por meio das lembranças, os sentidos da vida que estavam presentes naquela época, podem ser transmitidos para as próximas gerações pois, quando revelem suas histórias, os significados da vida que sem tem hoje torna-se melhor compreendido, como por exemplo a existência de traumas enfrentados no presente que tiveram origem na dificuldade vivida na infância. No entanto dentro deste contexto, relatam a solidariedade de vizinhos, amigos, e parentes na doação de comida e roupas.

### 3.2 Mudança para o Distrito Federal

Em relação à mudança para o Distrito Federal, as idosas migraram para a então anunciada nova capital em diferentes anos, 57, 59, 69, 66 e duas em 77, tinham idades variadas de 13, 15, 18, 20, 24 e 48 anos, duas já estavam casadas e com filhos, as demais estavam solteiras. As que vieram juntamente com suas famílias eram à época adolescentes. Uma situação que demostra a autoridade familiar e a submissão das mulheres é bastante clara na narrativa de Bia, em que com 13 anos de idade, seu pai já havia "arranjado" seu casamento, não dando opção de escolha para a idosa. Como retratado a seguir

*"...mas quando eu cheguei aqui com 13 anos meu pai já tinha pretendente pra mim! Eu não namorei para casar, eu não tive liberdade de namorar, aí ... ele me casou e como ele, meu pai era muito grosseiro, aí eu pensei assim: eu vou melhorar de vida, mais foi o contrário do meu pensamento..."*

Apesar do crescimento urbano e da industrialização, a situação da mulher neste período era de restrição, desigualdade e distinção entre os homens, o modelo da mulher ideal que era considerado adequado continuava a ser o de dona de casa, filhas obedientes, mães e esposas. O casamento tinha muita importância como relevância social, reconhecimento, e modo de vida, já que não se permitia que as mulheres pudessem escolher não casar.

A rigidez em que se constroem as relações de gênero desde a infância, os pais são muito rigorosos com as filhas mulheres inclusive até mesmo escolhendo com quem irão se casar, a dominação masculina começa na família, com o poder da autoridade que é imputada aos homens.

> Em *A dominação masculina*, Pierre Bourdieu afirma que a dominação masculina, que constitui as mulheres como objetos simbólicos, tem por efeito colocá-las em permanente estado de insegurança corporal. Ou melhor, de dependência simbólica: elas existem pelo, e para, o olhar dos outros, como objetos receptivos, atraentes, disponíveis. Delas se espera que sejam femininas, isto é, sorridentes, simpáticas, atenciosas, submissas, discretas, contidas, apagadas. (GONDENBERG, 2012, p. 102)

A experiência contada pela idosa demostra que sua vida fugia ao seu controle, foi passada do pai para o marido, ela ainda teve uma esperança de que sua situação melhoraria, no entanto suas expectativas não foram concretizadas.

As motivações para a mudança para o Distrito Federal foram diversas, como por exemplo a falta de emprego na cidade natal pois, ouvia-se dizer que em Brasília a oferta de emprego era maior, *"...as pessoas informavam que Brasília era um lugar mais fácil de se trabalhar, que se ganhava milhões" (Fátima).*

Em algumas situações, existe o caso da existência de pessoas ou familiares que já estavam estabelecidas em Brasília, o que demonstra a existência de uma rede de apoio familiar.

*"...viemos pra cá em 69. Porque lá estava difícil de emprego e tinha duas irmãs dele aqui e aí chamaram ele pra vim pra cá entendeu, ele veio primeiro ai eu vim depois ai minha irmã também veio" (Eva)*

*"Papai já tinha acabado com o comercio, papai também gostava muito de jogar, jogava muito, muito, muito, aí acho que foi acabando as coisas foi ficando meio decadente, ele achou que se viesse para Brasília ele poderia ter mais vantagens na vida, aí viemos e fomos direto para o Núcleo Bandeirante naquelas casa de madeira que eu achei a coisa mais esquisita era morar dentro daquelas monte de tábua, não é como é agora era tudo tumultuado um no outro os barracos, ali ficamos." (Ana)*

A situação de mudança da idosa Dalva foi motivada devido à falta de tratamento adequado na saúde em sua cidade natal, decidiu-se arriscar em busca de um tratamento melhor para sua saúde pois ouviu dizer que em Brasília o tratamento médico era mais avançado.

*"O que me motivou foi que eu estava doente e lá eu não tinha como me tratar, aí eu já mandei duas filhas pra cá uma veio com minha cunhada e a outra veio mais minha irmã, ...*

*mandou uma carta dizendo pra gente vim e me tratar aqui, porque por aqui seria melhor, aí eu vim." (Dalva)*

As idosas também se recordam das construções do congresso, das características da terra como *"muito vermelha",* recordam-se das construções das cidades satélites,

*"...eu cheguei em Brasília era só terra o congresso esteva subindo ali os ferros e só via terra e a gente não tinha costume com aquele tanto de terra, terra vermelha, muito vermelha, aí só era choro, só era choro aí aprendi a brincar no lago, porque o lago era estreito, muito estreito e dava pra atravessar brincando nas madeiras, porque eles cortavam as árvores e as toras e a gente fazia delas barco, aprendi a brincar e foi me alegrando mais tendo um pouquinho de alegria." (Bia)*

A recordação também retrata o caminho que foi dificultoso para chegar até a capital, como retratado por Carmem,

*"...me mudei pra cá em 1977, Dezembro de 77. Eu sei porque no meio da estrada a Kombi do meu tio, foi com 7 pessoas e na volta a Kombi deu problema, tinha uns parentes lá em Imperatriz e deram pinga com peixe seco, na estrada o que se comeu foi isso pinga com peixe seco. Entramos no ônibus, paramos aqui na rodoviária num frio danado e eu morta de fome, ele deu uma balinha pra enganar a fome, antes disso quando a gente saiu de casa pra São Luís, passamos pelo Codó."*

As mulheres relatam que as viagens extensas em caminhões "pau de arara" vindo de todas as partes, falam de como as viagens eram sofridas, cheias de pessoas que viajavam sentadas em bancos de madeiras, as vezes com filhos no colo durante todo o trajeto.

As lembranças dos acontecimentos e das experiências de vida, por exemplo como na narrativa da vinda para capital em transportes de pau de arara, são relatadas por diversos trabalhadores migrantes que se mudaram para Brasília, portanto:

> No primeiro plano da memória de um grupo se destacam as lembranças dos acontecimentos e das experiências que concernem ao maior número de seus membros e que resultam quer de sua própria vida, quer de suas relações com os grupos mais próximos, mais frequentemente em contato com ele. Quando àquelas que concernem a um pequeno número e algumas vezes a um só de seus membros, embora estejam compreendidas em sua memória, - já que, ao menos por uma parte, elas se produzem dentro de seus limites - passam para último plano. (HALBWACHS, 1994, p. 30)

Ao centrar o tema da mudança para a capital para que as mulheres deem os depoimentos, elas são levadas a recordar e rememorar, as entrevistadas lembram dos acontecimentos, os lugares em que passaram, as pessoas que participaram do caminho, das comidas e do clima.

Para Halbwachs (1990, p.47), “a lembrança é em larga medida uma reconstrução do passado com a ajuda de dados emprestados do presente, e além disso, preparada por outras reconstruções feitas em épocas anteriores e de onde a imagem de outrora manifestou-se já bem alterada”.

Essas lembranças são feitas do tempo presente em direção ao passado e às vezes não seguem uma ordem cronológica ou um sentido, que de início podemos não compreender, as lembranças vão surgindo e associam-se umas às outras, não necessariamente coerentes, mas que se apresentam como relevantes para quem está relatando aspectos de sua vida.

### 3.3 Condições de vida no Distrito Federal

Sobre as condições de vida no Distrito Federal, as idosas se recordam que a cidade era “só mato”, “favela”, demonstrando o cotidiano das pessoas que vivam aqui na época, revelam que recebiam doações de telhas, tábuas para construir seus barracos, e que recebiam doações de comida por meio dos órgãos governamentais.

*“Quando cheguei pra cá, Brasília já tinha sido construída em 59, Taguatinga só tinha aquele cine Paranoá o resto era só favela, favela, Ceilândia não tinha nada, nada, nada era só mato, aqui a gente chegava fazia um cabana, um barraquinho, o serviço social ficava dando assistência, sopão às vezes de noite, dava comida, ajudando o povo, muitas vezes a gente ganhava telha, ganhava uma tábua pra fazer alguma coisa, difícil essa vida aqui, hoje nossa!, hoje temos vida de rei aqui, o povo briga, briga por causa do governador mais quem já passou o que a gente já passou aqui!”(Ana)*

A idosa Bia tem lembrança da remoção das pessoas quando o Lago Paranoá estava sendo formado, a Vila Amaury construída por operários que trabalhavam no Congresso Nacional ficava no local onde seria feito o lago, este local chegou a abrigar 16 mil pessoas, e na medida em que o lago enchia, era necessário fazer a remoção das pessoas,

*“Quando chegamos pra cá fomos morar na vila Amaury era uma vila depois da vila Planalto, era uma vila que recebia assim todas as pessoas que vinham, onde é o lago hoje. Quando o lago ia crescendo eles iam tirando as pessoas, levava pra Sobradinho, Taguatinga, Gama. Porque era barraco, e aqueles barraco tinha uma inscrição na administração, tipo assim eu tenho minha casa, minha casa tinha uma inscrição na prefeitura, tinha as inscrição, e chegando a água, saí com a água na porta, e vinha carro, o pessoal, os peões, derrubava os*

*barracos colocava dentro do caminhão e levava e jogava a gente no meio do tempo: aqui é seu terreno!" (Bia)*

A idosa Carmem teve sua vivência na capital apoiada por familiares, que nem sempre a tratavam de forma respeitosa e carinhosa, não era o apoio, eram formas de tratamento por vezes cheias de humilhação e discriminação.

*"Quando cheguei aqui morei com esse meu tio no cruzeiro trabalhando na discoteca, ... dizem eu não sei que ele também dormia com os homens. Ai depois que ele se trancava no quarto dele, e eu sempre gostei de dormi cedo o que acontecia eu não sei. Fiz o concurso pra Telebrasília e fui trabalhar na Telebrasília, comecei a trabalhar, foi na época que eu nunca tinha me soltado, arrumei um grupo e comecei a mim solta, engravidei, já morando no Guará com uma tia minha que era irmã desse tio que era do cruzeiro, ela me deu uma surra e eu com uma barrigona, nunca esqueço."*

A idosa Eva veio para morar de favor na casa de familiares, em condições precárias, como relembra a seguir, quando começou a lembrar das condições em que veio de mudança, exclamou que foi péssima, no entanto quando lembrou de seus familiares, amenizou a situação.

*"Foi péssima..., não, não foi péssima não, porque foi na casa da minha cunhada foi no fundo barraco, eu nunca tinha visto barraco que lá em são Luiz não tem, na QND 42 na minha cunhada só que a casa dela era na frente e tinha 2 barracos atrás, um uma cunhada minha morava de um lado e eu morava do outro, um quartinho sabe aquele quarto grande mais que cabia era eu ele, a menina e ele nos 3 que morava nesse barraco, eu tinha um nojo daquelas parede que parecia aquelas lesmas quando chovia, aí Jesus, como eu sofri aqui quando eu cheguei, foi luta pra mim acostumar eu lavava as paredes tu acredita, eu não aguentava. Um dia eu deixei o saco de café por engano, esqueci, no outro dia estava assim aqueles passados de lesma aí eu escaldei, dá uma história dá um livro!*

As histórias são escolhidas, o detalhar de algumas histórias e acontecimentos no lugar de alguns sentimentos que preferem manter em silêncio, ou não contar, ou contar de outra forma, mostra o caráter seletivo da memória. Diversos fatores influenciam na construção da memória, sendo que um deles é o presente, quem constrói uma lembrança, utiliza-se de um processo de reorganização para dar sentido à história que conta, aos sentimentos que surgem, pois ao tentar dar sentido e organização às lembranças, a base utilizada é a concepção de presente e as emoções no presente.

A história de vida pode ser a melhor abordagem para se compreender o processo de socialização, a emergência de um grupo, a estrutura organizacional, o nascimento e o declínio de uma relação social e as respostas situacionais às contingências cotidianas (MINAYO, 2010).

Sendo assim, uma das maneiras de obter as informações, as experiências e perspectivas do indivíduo é por meio da própria voz da pessoa.

A partir da contribuição teórica de Pollack, percebe-se que os significados dos silêncios, dos conflitos, dos sentimentos que possam estar imbuídos nas lembranças, podem ser interpretados em seus reais significados nas relações sociais e nas relações de poder. A seletividade da memória nas idosas está também de alguma forma ligada à relação afetiva que possuem com as pessoas, ainda presentes na vida das narradoras, influenciando no que se lembra ou no que se esquece, na escolha do que ou não contar.

A condição de moradia da idosa Fátima era no próprio local de trabalho, depois de se aventurar vindo de outra cidade em busca de melhor condição de vida, a idosa conseguiu um emprego em que obteve a oportunidade de conceder abrigo, conforme relata a seguir:

*"... mais a minha vinda, eu vim assim, as colegas falou assim, você vai sozinha e Deus você vai chega na rodoviária e você vai até o setor de rádio e televisão, chega lá e tem uma rádio, eu não me lembro mais o nome da rádio...você chega e fala que está procurando emprego,...eu cheguei e falei: "olha estou procurando emprego" ele falou: o que você sabe fazer?, "eu estou vindo da roça, e eu tenho coragem pra fazer", o meu primeiro emprego, que sacanagem, foi na casa de uns bolivianos que era da embaixada da Bolívia mais ainda não estava pronta, eles estavam morando na 304, nos apartamentos, eu fui pra casa deles, então foi prova de fogo, língua diferente, comida diferente..."*

Percebe-se que muitas mulheres, apesar de não serem analfabetas, fazem parte de um segmento social que sempre é marginalizado, que é o gênero feminino, e tem seu papel definido de forma secundária nos processos sociais.

Várias mulheres contam como foi sua chegada à capital, as dificuldades e papéis que tiveram que assumir em um local desconhecido e estranho a seus costumes. Entre os depoimentos, estão os acontecimentos privados e também de acontecimentos gerais. Percebe-se que os fatos marcantes são misturados entre privado e público, histórias sobre as famílias são constantes, mas mostram como a vida social das mulheres eram organizadas em relação às tarefas domésticas, ao cuidado com os filhos. Mostram também a dificuldade em encontrar gêneros alimentícios, utensílios domésticos, viver em casas de madeiras, dificuldade de transporte e tudo relacionado a adaptação ao novo estilo de vida.

Durante os depoimentos, é possível notar falas de sentimentos que traduzem o que estava sendo vivido, as expectativas da população em relação à esperança em uma nova terra, de uma nova vida, melhor do que se tinha, e implantação de projetos novos. Através desses

depoimentos, busca-se captar a visão e versão de experiências vividas por atores sociais que a "história tradicional" deixou à margem.

> Ao privilegiar a análise dos excluídos, dos marginalizados e das minorias, a história oral ressaltou a importância de memórias subterrâneas que, como parte integrante das culturas minoritárias e dominadas, se opõem à história nacional. (POLLAK, 1992, p. 04)

O conteúdo das entrevistas apesar de não ser tão carregado de fatos históricos, ou ligado a contexto de grandes catástrofes, ou ligado a alguma história que necessariamente se opõe à versão oficial, mostra um outro lado da construção de Brasília que, talvez no imaginário popular ou nas histórias rememoradas não incluem as mulheres como participantes, o destaque da história oficial é para os projetistas, engenheiros, arquitetos, cargos políticos, que são nomeados e diferenciados dos trabalhadores braçais, estes são referidos como candangos que era uma identificação pejorativa para diferenciar os operários.

### 3.4 Mudança e condições de vida em Ceilândia

No que se refere às condições da mudança para a cidade de Ceilândia, as idosas relembram como foram os anos desta transição e as condições sociais em que viviam, evidenciando que morar no Distrito Federal não correspondia à toda essa expectativa de melhoria das condições de vida, que era imaginada, ou de que se ouviam falar, antes de ocorrer a migração.

Ana relata que *"morava na invasão do IAPI, lembro que foi muito difícil a vinda para Ceilândia...*

Bia relembra que *"...morava em Taguatinga, mas na época da erradicação foi ocupar um barraco no IAPI com objetivo de obter um lote*" associa essa passagem com o retorno do marido, depois de ser abandonada com 4 filhos"

Carmem conta que *"compraram a casa em Ceilândia, de pessoas que ganharam os lotes, no entanto não tinha intenção de morar lá"*

Dalva relata que "*foi morar de "aluguel", trocava em serviços de lavar e passar pra dona da casa*."

Sobre as condições de moradia em Ceilândia, os relatos abordam diversos aspectos, desde a estrutura das casas serem mal construídas, muito pequenas e não comportavam a família. Não havia abastecimento de água, sendo necessário pegar galões de água em carros

pipas que abasteciam a cidade. Em época de chuva as casas eram inundadas pelas enxurradas, destruindo móveis. Havia dificuldade de transporte público, este não abrangia toda a cidade, era necessário fazer longas caminhadas para ter acesso aos ônibus. Ana conta que:

*"Todos os que vieram pra cá era tudo de favela, a não ser quem comprou casa, mais quem veio de definitivo veio da favela, eles falavam morro do urubu, vila Tenório, do Bandeirante ali onde e a estação ferroviária, o pessoal foram arrancando e trazendo pra cá, o pessoal a maioria era tudo de lá, eu vim da vila do IAPI pra cá, minha mãe já veio da vila Tenório. Muita luta pra chegar onde a gente chegou, muita luta. Tive tanta sorte que eu tinha um amigo que casou com uma amiga minha e ele trabalhava na CEB, primeira casa, primeira casa na 23 que teve energia foi a minha, e televisão, ai a gente colocava papel colorido pra dizer que a televisão era colorida..."*

Bia faz o seguinte relato: "*Morei em Taguatinga até em 1970, juntos com meus pais, casada mais junta com meus pais, eu fiquei, ele me largou uma vez, e eu já tinha 5 filhos, eu fui pra casa dos meus pais. Ele voltou foi na época que ia erradicar o pessoal lá da vila do IAPI, nessa época já era a vila do IAPI, tinha um barraco lá e a gente tinha que ocupar pra ganhar um lote, foi quando eu ganhei um lote aqui em Ceilândia..."*

Carmem conta que recebeu a seguinte proposta de uma outra colega de trabalho: *"uma colega está vendendo uma casa no P. Norte, logo que deram essas casinhas em 79, tu queres? tu quer morar lá? por que eu não vou morar lá se tu quiser morar, eu deixo você morar lá? Mas o P. Norte todo mundo fala que é isso, que é aquilo outro... vai lá na casa olhar"*.

A idosa relata que aceitou a proposta de conhecer o local, conforme relembra a seguir: *"Quando eu cheguei ... era um 'quartinho' uma 'cozinhinha', sala e banheiro, nossa que bom! Porque lá, onde eu morava era só um quarto, era só um quarto e um banheiro pra todo mundo..., falei bom pelo menos vou ter minha privacidade"*.

Dessa forma, mesmo que as condições de vida em Ceilândia não eram as ideais, ela aceitou as condições que, no momento, pareceram-lhe melhor para se viver, a idosa ainda relembra que não tinha dinheiro para fazer a mudança, bem como pagar pelo local de moradia, mas contou com ajuda dos colegas de trabalho, que depois foram sendo pagos aos poucos.

Dalva lembra que: "*Quando eu vim pra cá eu fui morar na Ceilândia na 21 da Ceilândia na QNN 21 morei 3 anos e meio, morei de aluguel... não paguei aluguel porque eu lavava e passava pra dona da casa, e pagava água, coisinhas assim ela deixou por minha conta, eu não pagava o barraquinho desse tamanhinho era capaz da gente nem se mexer, e graças a Deus foi uma maravilha essa mulher, ainda hoje quando ela fala comigo ainda chora de alegria pelo tempo que passou comigo, agora no meu aniversário, ela me ligou, ela mora no Guará, me*

*ligou e disse que tem saudade de mim, tem vez que encontro ela,... foi igual uma mãe pra mim com 3 anos e meio que eu passei de aluguel morando na QNN 21 conjunto A, só não sei o número da casa, passei pra aqui desde 81...” (falando de sua residência atual).*

*Quando chegamos a água que a gente tinha era de carro pipa, nós não tinha água em casa não, a gente pegava água em tambor, tinha os tambor em casa com água, ..., não tinha estrada asfaltada, em canto nenhum não tinha água encanada e não tinha luz, só tinha luz nas casas na rua não, a gente ia pegar ônibus lá em cima lá na Guariroba porque na época, ... eu ia trabalhar saía 5:30 da manhã pra subir lá para Guariroba pra pegar o ônibus e trabalhar lá no Jumbo, ... a condição de ônibus era dificílimo, luz na rua não tinha, eu levei carreira muito forte de marginal com faca na mão correndo atrás de mim, eu chegava em casa sem fala de tanto medo que eu passava foi de sacrifício mesmo quando eu cheguei aqui.”*

Eva relata: *“Fui morar nas QNF pertinho do Sesi fui morar ali de aluguel, quando ele (o marido) viajou para Manaus eu fiquei lá de aluguel, depois a gente veio pra Ceilândia de aluguel de novo, na 8 mais foi por pouco tempo porque logo ele comprou aqui, nós compramos aqui, minha cunhada emprestou, minha irmã, e ele pediu um empréstimo nos correios, neste tempo ele já estava nos correios já tinha vindo de Manaus. Nós compramos aqui e fomos construindo, fizemos um barraquinho, a primeira chuva que deu, mas foi tanta chuva, mas foi tanta água que eu não sabia onde botar os meninos, arrastando beliche, a mulher falou que não molhava quando ela vendeu, mais estava seco, e quando deu a primeira chuva! Meu Deus do céu, encheu o tambor, peguei os meninos, nós não dormimos essa noite puxamos pra li assim, era um único canto que eu acho que não chovia, aquelas telhas...!*

Sobre as condições de vida, Eva ainda relata que:

*“...pegávamos água no tambor era o caminhão pipa que chegava e deixava nos tambor tudinho, quem tinha tambor dava um pouco pra quem não tinha, aquele negócio, tinha aquela solidariedade.”*

Fátima conta que: *“Quando eu casei eu vim aqui pra QNH e era até legal eu não achei ruim lá também, que era um caminho que assim eu pegava ônibus pra ir embora e eu assim eu estudava a noite naquele colégio que te falei, e eu saia de lá 10 horas chegava ai 11 horas então eu não tinha medo de chegar na época e que eu não tinha medo hoje acho que eu não ia ter essa coragem. Pra Ceilândia foi aquilo que eu te falei depois que eu casei que eu fui para o P.Sul entendeu, nós compramos uma casinha, nós fomos e derrubou ela toda, passamos a morar lá, o (esposo) trabalhava na Sudeb que mexia com pesca, foi pra 109 sul gerenciar uma peixaria e lá tinha a parte de cima que era uma quitinete, quando nós compramos a casa eles deu pra gente ficar lá até construir, porque teve que jogar no chão subir tudo, porque a cozinha*

*não podia entra dois, no quarto não podia entrar dois, no banheiro não podia entrar dois, era tudo minúsculo ai a gente jogou tudo no chão...”*

Estabelecer relações com o passado além de possibilitar a descrição dos acontecimentos envolvendo relatos que estão fora da história oficial, também deixam transparecer avaliações dos mesmos fatos que não era possível fazer durante a vivência, então a distância entre passado e futuro, permite uma compreensão diferente dos fatos, e incorpora elementos do presente. Do mesmo modo, temos que observar que as lembranças podem não apresentar precisão, podem conter fatos carregados de crenças e imaginários dos indivíduos, que em uma visão própria são tornados como realidade ou uma representação geral de um olhar individual.

As entrevistas apresentam diversos depoimentos que complementam as informações de um fato. De forma isolada, essas informações podem não ter um significado mais amplo, mas a partir da junção de vários relatos sobre o mesmo fato, é possível identificar situações recorrentes que fazem parte de um amplo contexto social. O tema central como a construção de Brasília na percepção das mulheres evoca várias opiniões das mesmas relativas a sua vivência. Através dos depoimentos individuais, pode ser possível construir uma memória coletiva com informações que normalmente não seriam veiculadas na memória oficial, um exemplo é a questão falta de estrutura da cidade relatada por algumas entrevistadas demostram que há uma fala de negação àquilo que foi veiculado oficialmente, que foi a justificativa da remoção das famílias das favelas para lhes oferecer um local com melhor estrutura e saneamento básico.

> A ideia que representamos mais facilmente, composta de elementos tão pessoais e particulares quanto o quisermos, é a ideia que os outros fazem de nós; e os acontecimentos de nossa vida que estão sempre mais presentes são também os mais gravados na memória dos grupos mais chegados a nós. Assim, os fatos e as noções que temos mais facilidade em lembrar são do domínio comum, pelo menos para um ou alguns meios. Essas lembranças estão para "todo o mundo" dentro desta medida, e é por podermos nos apoiar na memória dos outros que somos capazes, a qualquer momento, e quando quisermos, de lembrá-los. (HALBWACHS, 1994, p. 32)

As mulheres entrevistadas compartilham suas histórias acrescentando fatos que antes não podiam ser narráveis, isto mostra que não havia espaço para a publicação de informações não oficiais, neste sentido, as entrevistas tipo concretiza a possibilidade de divulgar informações “esquecidas”, que eram silenciadas pelas circunstâncias sociais.

### 3.5 Lembranças gerais

Com relação a acontecimentos gerais que marcaram as entrevistadas, sugiram relatos como os ataques às torres gêmeas em 2001, a lembrança ficou marcada por grandes fatos internacionais e nacionais, pois teve a oportunidade de conhecer o local da tragédia[2], lembra de que a filha estava fazendo um trabalho sobre Mandela, copa do mundo no México em que a seleção Brasileira foi campeã, Copa do Mundo de 2002, Diretas Já, chegada do Papa João Paulo II em Brasília.

*"Morei nos Estados Unidos em 2001, não foi tão emocionante porque foi na época depois que teve o... aquele atentado das torre gêmeas, presenciei aqueles buracos, tive oportunidade de ir naquele lugar que tinha o prédio, tinha ali só flores, cruzes onde o povo colocava uns brinquedos, dinheiro, eu não sei o porquê o povo depositava tanto dólar, naqueles 'cruzeiros' onde o povo morreu, ... nos Estados Unidos minha memória volta muito nas torre gêmeas, que foi uma coisa muito triste, um acidente horrível, então eu tive muita, assim oportunidade de ver os lugares onde aconteceu os acidentes. Nos Estados Unidos o que eu me lembro é isso." (Ana)*

*"Eu vivi muito intensamente a copa do Brasil em 2002, eu estava na Inglaterra, foi maravilhoso e não foi mais bonito porque lá, o brasileiro não tem aquela glória de gritar, os ingleses são muito fanáticos, com o futebol deles, então a gente tinha que engolir a nossa vitória calada. Mas o dia que o Brasil ganhou, não teve segurança nós explodimos, foi uma grande vitória, fiquei assim tão feliz de ter acontecido isso na época, então pra mim foi muito bom ter acontecido isso." (Ana)*

Segundo Halbwachs (1994), acontece com muita frequência que nós atribuímos a nós mesmos, como se elas não tivessem sua origem em parte alguma senão em nós, ideias e reflexões, ou sentimentos e paixões, que nos foram inspirados por nosso grupo. Estamos então tão bem afinados com aqueles que nos cercam, que vibramos em uníssono, e não sabemos mais onde está o ponto de partida das vibrações, em nós ou nos outros. Quantas vezes exprimimos então, com uma convicção que parece toda pessoal, reflexões tomadas de um jornal, de um livro, ou de uma conversa. Elas correspondem tão bem a nossa maneira de ver que nos espantaríamos descobrindo qual é o autor, e que não somos nós (HALBWACHS, 1994, p. 31).

---

[2] Ana relata que morou nos Estados Unidos, na ocasião ela trabalha como cuidadora de uma senhora de classe social alta, que o filho que morava no país citado. Quando foi passar um tempo com filho, levou Ana como sua acompanhante, ficaram cerca dois anos morando nos EUA.

*"Fora do Brasil, Mandela! Mandela, assim, na época eu não tinha uma boa televisão mais eu tinha acesso a revista, porque a minha filha já estava fazendo o segundo grau e ela tava ali envolvida fazendo trabalho sobre Mandela, e eu comecei a ler, como eu fiquei empolgada, acho que foi ontem parece que falou sobre Mandela aí na televisão e eu me lembrando, da necessidade de comprar aquelas revistas tanto pra minha filha quanto pra mim, gostava." (Bia).*

*"...uma coisa boa que eu passei um medo, na mesma hora foi uma alegria, foi quando o Pelé colocou aquele gol lá em Guadalajara em México, quando ele fez aquele gol!... eu disse ao meu esposo 'eu vou me deitar pra não cair, agora ele não vai botar esse gol e o Brasil vai perder'..., ele (o esposo) ficou aqui olhando o rádio desse 'tamanhinho', ficou assistindo no rádio, .... eu falei vou me deitar, eu entrei no quarto e me deitei quando eu fui, sentei na cama e fui me deitando ouvi o grito pelo rádio, gol do Pelé, mas isso foi um alegria e marcou, meu marido foi lá dentro e me abraçou e me beijava e dizia o Brasil ganhou!" (Dalva)*

*"...foi das diretas já, os mascarados iam pra rua, fez aquele movimento todo e outro evento que me marcou muito também foi a chegada do Papa que eu fui lá pro eixo, trabalhava lá pertinho, fui pro eixo vi aquele 'povaréu', foi até no dia que eu coloquei minha aliança pra casar e ainda levei e mostrei pro Papa minha aliança pra ele abençoar entendeu, era o João, aquele que morreu faz tempo João Paulo II, e outra foi a copa de 82 parece que era da época de Romário, era aquele pessoal assim aquele pessoal assim mais velho que não joga mais, o eixo fechou, eles vieram de carro aberto de bombeiro do aeroporto e também foi um evento assim marcante, agora a data você me pegou, ah não teve uma de 70! que foi na w3 que foi a mais antiga, foi a primeira, foi a do Pelé, a copa de 70 foi na w3, fechou a w3 todinha de ponta a ponta e nós a trás, e no fritar dos ovos não tem muita coisa ruim assim não, foi muito bom a dificuldade ela existe pra todo mundo e você tem que encarar." (Fátima)*

O tempo presente serve como âncora para se lembrar do passado, fazendo que este passado tenha sentido para quem o viveu, essas lembranças apesar de serem vinculadas a uma pessoa, têm o aspecto coletivo, pois são vividas no mundo social e fazem parte do grupo social ao qual se está inserido. As lembranças são ligadas a "quadros sociais" como pontos importantes e de referências sociais e historicamente definidas.

Halbwachs diz que a memória é necessariamente coletiva, que resulta das representações coletivas construídas no tempo presente, essas representações teriam a função de manter a sociedade coerente. Para Halbwachs, os quadros sociais da memória são importantes para lembrar o passado pois, por meio destes quadros pode-se tornar preciso o tempo e o espaço, que são essencialmente relevantes para a memória. Quando se usa o presente

para retratar o passado, há uma possibilidade de reorganizar e fazer novas elaborações sobre o tempo passado, e assim perceber as transformações individuais e sociais.

> Frequentemente, consideramos a memória como uma faculdade propriamente individual, isto é, que aparece numa consciência reduzida a seus próprios recursos, isolada dos outros, e capaz de evocar, quer por vontade, quer por oportunidade, os estados pelos quais ela passou antes. Como não é possível todavia contestar que reintegramos frequentemente nossas lembranças em um espaço e em um tempo (sobre cujas divisões nos entendemos com os outros), que nós as situamos também entre as datas que não têm sentido senão em relação aos grupos de que fazemos parte, admitimos que é assim. Porém é uma espécie de concessão mínima, que não poderia atingir, no espírito daqueles que a consentem, a especificidade da memória individual. (HALBWACHS, 1990, p. 39)

As lembranças que nos são mais difíceis de rememorar são aquelas que não dizem respeito a não ser a nós, estas são constituídas de nosso bem mais exclusivo, que pertencem a nós, são imbricadas de sentimentos, personagens que fazem parte de nosso cotidiano, mesmo aparentemente sendo fatos gerais vividos pela coletividade.

### 3.6 Retorno à cidade natal

Com exceção de Bia, todas as entrevistadas relataram que já voltaram à sua cidade natal, sobre o retorno à sua cidade natal, elas relatam que:

*"Vou pra lá direto, agora mesmo sábado eu vou pra lá, a família da minha mãe mora toda lá, eu gosto de mais de lá. Porque primeiro eu sou a neta mais velha da minha vó, então todos os meus tios me paparica muito mesmo, quando eu chego, chega a dar briga, sempre vou no final de semana então eu tenho que chegar lá e dividir os dia ir na casa de um de outro e voltar, se ficar um sem visitar dá confusão, minha cidade e uma cidadezinha moderna, antigamente eles chamavam de Goiabeira, agora é Inhumas, agora já e maior, mas antes era assim um ovinho era uma coisinha, agora não, é uma cidade grande, uma grande plantação de alho, a cidade do alho que eles falam, então tem muito assim, lojas de roupa de cama, grandes industrias saí dali. É uma cidade pequena que já está evoluído muito." (Ana)*

Devido à proximidade da cidade em que nasceu e a existência de muitos familiares ainda na cidade, a idosa costuma voltar diversas vezes para visitar as pessoas da família.

*"Nunca voltei lá, nunca voltei, falo com meu pessoal que tem da geração da minha mãe, só tem um sobrinho, ele tem família, ele tem filhos, a mulher dele a gente fez amizade, a gente conhece só por telefone, a gente se fala e se vê, porque hoje em dia a facilidade da gente se*

*ver, é uma cidade boa muito acolhedora só não tem mar, mais logo ali como diz os goianos, logo ali é Ilhéus, Itabuna e Itajuípe. É muito boa a cidade, eu tenho amiga de infância que ainda corresponde comigo de vez em quando ela manda aquela cartinha, a última foi em 2006. Quando eu descobri que ela tinha telefone, o telefone fixo, aí a gente começou a falar, falava de vez em quando agora a gente fala no celular, falo no WhatsApp, ela me vê, é igual com meu primo também. Se for de ônibus são dois dias, é sudoeste, ela fica próxima de Ilhéus próximo de Itambé, Itabuna, Jequié, tudo próximo ali, tudo Bahia." (Bia)*

*"Com 17 anos que eu estava aqui eu voltei lá, e depois disso eu já voltei várias vezes, eu tenho um irmão, cunhada, e umas primas...minha tia morreu, só tinha uma tia por parte de pai, morreu ano passado, minha única tia que eu ainda tinha viva morreu, mais minhas primas continua lá, e meus primos também que são filhos do meu tio, irmão da minha mãe, quando eu vou lá já visito todo mundo." (Eva)*

*"...vou passar uma semana lá, lá no local onde nasci, só não na mesma casa porque fez outra, mas assim mesmo local, ninguém quis vender, ... tiro do meu salário que não é bom pra ajudar a pagar uma pessoa pra tomar de conta, pra não acabar, tem os pés de jabuticaba tudo, tudo, fico escutando o barulho dos passarinhos, está um pouco diferente agora, era muito mato agora eles fazem muito pasto, desmata tudo as águas não é a mesma, era bica d'água hoje tem que abri cisterna..." (Fátima)*

Neste sentido, Halbwachs (1994) traz um importante reflexão que diz, quando nos lembramos de uma viagem, mesmo quando não nos lembrando da data exata, há entretanto todo um quadro de dados temporais aos quais essa lembrança está de qualquer maneira relacionada: foi antes ou depois da guerra, eu era criança, jovem, ou homem feito, na pujança da idade; eu estava com tal amigo que era mais ou menos velho; em que estação estávamos; eu preparava tal trabalho; aconteceu tal coisa. É graças a uma série de reflexões desse gênero que com muita frequência uma lembrança toma corpo e se completa. Se subsiste, entretanto, uma incerteza sobre o período onde o acontecimento teve lugar, pelo menos não se trata daqueles outros períodos em que se situam as outras lembranças: é ainda uma maneira de localizá-lo. Além do mais, o exemplo de uma viagem pode não ser o mais favorável, porque pode constituir um fato isolado e sem grandes relações com o restante de minha vida. Então, é menos o tempo do que o quadro espacial, como veremos, que intervém principalmente. Mas, se se trata de um acontecimento de minha vida familiar, de minha vida profissional, ou que aconteceu em um dos grupos aos quais meu pensamento se reporta com maior frequência, será talvez o quadro temporal que me ajudará melhor a dele me lembrar (HALBWACHS, 1994, p. 69).

### 3.7 Participação na cidade

Com relação à participação na cidade e a memória cultural que provoca lembranças das raízes culturais das entrevistadas, relacionando com os locais de memória que são significativos para os moradores, alguns locais as fazem lembrar de suas infâncias, vivências e trajetórias de vida.

O lugar como experiência específica de algum enraizamento continua sendo importante na vida da maioria das pessoas, existe um sentimento de pertencimento que faz com que as pessoas considerem a ideia de regressar ao lugar de origem. Na impossibilidade do regresso, os lugares são transformados para lembrar a própria cultura.

Sobre frequentar a Casa do Cantador e a Feira Central de Ceilândia, que são lugares de memória da cultura nordestina na cidade, as idosas relatam a dificuldade de se frequentar a Casa do Cantador, pois a programação é mais intensa no período noturno, o que dificulta a saída das idosas de casa. Os idosos não costumam sair de casa no período noturno.

Já com relação à feira, a frequência é melhor pois a mobilidade no período diurno é mais fácil, neste sentido reconhecem a feira como um espaço de revisitação da cultura nordestina, se lembrando das comidas, artigos e mercadorias que tinham costume de conviver nas suas cidades de origem.

Ana relata que: "*às vezes na feira ainda vou, mas na Casa do Cantador é muito difícil eu ir, primeiro porque eu não sou assim de sair assim à noite, ... Na casa do cantador tem mais coisa à noite, eu já devo ter ido lá umas duas vezes, mas eu ... de carro que tem companhia ..., não vou porque pra sair de casa tem que ir sozinha rodando, e outra, meus filhos também não gostam, se eu tiver que sair de noite é para alguma festinha, um aniversário, alguma coisa assim.*"

Bia diz que: *"Não a Casa do Cantador... na feira eu gosto de ir, gosto de olhar aqueles lugares, aquelas comidas típicas, as comidas nordestinas que eu só faço olhar, não como, e Ceilândia pra mim é a minha raiz, porque foi aqui que eu consegui minha primeira residência, embora eu tive outras mais o lugar não era meu. Tivemos um lote na w3, mas o ... Ceilândia é a minha raiz, .... eu cheguei aqui na erradicação eu cheguei em 1970, no mês de maio, era 2 de maio quando eu cheguei vim do IAPI pra cá."*

Dalva, ao rememorar sobre sua cidade natal, diz que: "*...a feira da Ceilândia eu sempre vou para lá, aquelas comidas nordestinas, aqui tem uma feira mas é difícil da gente ir na feirinha do P. Sul, mais na feira da Ceilândia de vez em quando eu vou, quando eu estava boa eu sempre ia lá só pra lembrar das coisas nordestinas, agora ser feliz acho que impossível*

*alguém ser mais feliz do que eu, fora de brincadeira, ... tem horas que eu sou tão feliz que parece que eu não estou pisando no chão".*

Eva relata que "*Na feira da Ceilândia, inclusive eu tinha uma banca ..., na Casa do Cantador eu acho que fui uma vez só, só uma vez. Na feira da Ceilândia eu ia mais, mas agora não vou porque eu não gosto mais de feira, minha filha que faz tudo pra mim, ela que compra tudo que eu quero, entendeu? inclusive minhas castanhas minhas coisas e tudo ela que compra, ela tem banca..."*

A lembrança pessoal não pode ser desvinculada do contexto histórico, do tempo, do espaço, das pessoas, enfim de um conjunto de aspectos que ajudam a construir a memória coletiva.

> No mais, se a memória coletiva tira sua força e sua duração do fato de ter por suporte um conjunto de homens, não obstante eles são indivíduos que se lembram, enquanto membros do grupo. Dessa massa de lembranças comuns, e que se apoiam uma sobre a outra, não são as mesmas que aparecerão com mais intensidade para cada um deles. Diríamos voluntariamente que cada memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva, que este ponto de vista muda conforme o lugar que ali eu ocupo, e que este lugar mesmo muda segundo as relações que mantenho com outros meios. Não é de admirar que, do instrumento comum, nem todos aproveitam do mesmo modo. Todavia quando tentamos explicar essa diversidade. Voltamos sempre a uma combinação de influências que são, todas, de natureza social. (HALBWACHS, 1994, p. 34)

Entretanto, mesmo com suas lembranças pessoais, cada indivíduo está inserido em um contexto social e a sua memória individual sofre influência das pessoas e espaços aos quais se relaciona. Esta memória constitui a memória coletiva, ou seja, ela é resultado da relação dos indivíduos em seus grupos sociais.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

*"A memória não é sonho, é trabalho".*

(BOSI, 1994, p. 54)

No mundo contemporâneo, a difusão de informações de forma rápida em consequência do desenvolvimento de tecnologias que facilitam a divulgação de acontecimentos distantes tanto no espaço quanto no tempo contribui para uma maior facilidade de expressão dando voz a grupos que não são considerados importantes na sociedade. No entanto, apesar de a tecnologia ainda não alcançar de forma completa todas as pessoas, é possível observar maior visibilidade a fatos que podem ser narrados por qualquer pessoa que tenha acesso a meios que podem transmitir mensagens e opiniões por meio da escrita ou da voz. As narrativas de histórias de vida são marcadas pela transmissão de informações pela oralidade, que pode dar mais dinâmica aos fenômenos sociais.

> A memória no mundo contemporâneo é valorizada e desvalorizada, valorização com a criação de vários meios de registro e é desvalorizada por que não é considerada capacidade essencial para o conhecimento, e também porque a preferência pelo "novo" e o "moderno" com objetivo de gerar lucros, não permitem a conservação do antigo, também é desvalorizada na proliferação de objetos descartáveis e também "A desvalorização da memória aparece, por fim, e no descaso pelos idosos, considerados inúteis e inservíveis em nossa sociedade, ao contrário de outras em que os idosos são portadores de todo o saber da coletividade, respeitados e admirados por todos." (CHAUÍ, 1994, p. 128)

As narrativas centradas em um fato social, mas vistas de forma particular pelas mulheres narradoras neste trabalho, mostram as relações entre o privado e o público, incluindo personagens e fatos da história oficial. A visão dessas mulheres é fracionada, mas contém elementos de representação social dos acontecimentos passados, pois essas lembranças somente têm significado dentro de um contexto social de referência. As relações com o passado são possíveis de serem repensadas mediante lembranças que são necessárias para o não esquecimento.

> A referência ao passado serve para manter a coesão dos grupos e das instituições que compõem uma sociedade, para definir seu lugar respectivo, sua complementaridade, mas também as oposições irredutíveis. (POLLAK, 1992, p. 07)

Percebe-se que o passado é mudado permanentemente, não é uma construção fixa, ele é reconstruído e recontado a partir de cada época. A construção do passado pela memória relatada no presente pode significar uma alternativa à construção histórica já realizada.

As lembranças não deixam que o passado fique no esquecimento. Porém, do mesmo modo, a memória é seletiva, os fatos são focados de acordo com a importância que têm para os indivíduos no presente ou de acordo com as situações relatadas. O Estado também tem interesse em selecionar a memória, principalmente a memória dos vencedores, que insistem em preservar os locais de memória ligados ao Estado Nacional formando as identidades individuais e coletivas, as quais sem a memória não conseguiriam nenhuma eficácia simbólica e ideológica, pois a memória coletiva contribui com o sentimento de pertencimento do indivíduo à sociedade.

A memória é construída por representações pessoais e sociais de acontecimentos, sejam individuais ou coletivos. “Por muito que se deva à memória coletiva, é o indivíduo que recorda. Ele é o memorizador e das camadas do passado a que tem acesso pode reter objetos que são, para ele, e só para ele, significados dentro de um tesouro comum.” (BOSI, 1994, p. 411).

Este trabalho teve como principal objetivo o estudo da sociologia da memória, relacionando com a narrativa autobiográfica de idosos. Foi possível compreender aspectos afetivos relacionados à história de vida de cada indivíduo.

A conceitualização da memória enquanto fenômeno, com base no coletivo trazida por Halbwachs, pressupõe o condicionamento de que pertencemos a um grupo, enquanto recordamos. Essa concepção não considera as contradições dialéticas existentes entre a memória individual e a coletiva.

Já a abordagem teórica da política da memória enfatiza a construção da memória social como construção feita no presente, em que as imagens do passado são formadas pelos setores dominantes da sociedade para beneficiar a perpetuação de poder no presente. Dessa forma, quem controla o conteúdo da memória oficial impõe e difunde tradições, locais, comemorações em benefício da própria manutenção de poder.

A memória social, de grupos minoritários, é também uma forma de contestação ao que está posto como oficial, ela traz possibilidades de confrontar as versões dominantes do passado, constituindo uma resistência popular à ideologia dominante.

> A memória está presente em tudo e em todos. Somos tudo aquilo que lembramos; somos a memória que temos. A memória não é só pensamento, imaginação e construção social, mas também uma determinada experiência de vida capaz de transformar outras experiências a partir de resíduos deixados anteriormente. A memória, portanto, excede o escopo da mente humana, do corpo, do aparelho sensitivo e motor e do tempo físico, pois ela também é o

> resultado de si mesma, ela é objetivada em representações, rituais, textos e comemorações (SANTOS, 2006, p. 22)

No decorrer da realização deste trabalho, observou-se que as afirmações mais constantes sobre a memória incluem as afirmações de que a memória é construída em convenções sociais que são chamadas de os quadros sociais da memória. A noção de que o passado como existe e como nós conhecemos é uma construção coletiva, portanto social e historicamente definida.

Em conclusão, os quadros sociais da memória, como Halbwachs (1994) se propõe a analisar, não isolam o indivíduo afastando a lembrança pessoal da social. A memória passa a ser relacionada com grupos, família, amigos, instituições, escola, igreja, classe social à que os indivíduos pertencem. Desse modo, quando lembramos os grupos, as pessoas e situações presentes, somos impelidos a lembrar, a refazer, a reconstruir o passado com as experiências que se tem no presente.

Outro fator importante é que para Halbwachs (1994) a linguagem é um instrumento na socialização da memória. Neste trabalho, a linguagem socializadora foi expressa nas trajetórias de vida das mulheres idosas moradoras de Ceilândia, que, ao relatarem a memória individual, deixaram transparecer o contexto coletivo e, assim, a memória pessoal não pôde ser desprendida do contexto histórico, do tempo, das cidades, das pessoas, pois esses aspectos ajudam a construir a memória coletiva.

Nesse sentido, ao dar voz às pessoas idosas e proporcionar um espaço de escuta no qual elas expõem suas trajetórias de vida, suas experiências, seus anseios, suas visões de mundo, como pessoas que já viveram diversas transformações pessoais e sociais, permitem a valorização do idoso enquanto protagonista de sua própria vida e como construtor ativo da cultura, transmitindo experiência para as novas gerações.

O recurso da utilização da memória pode revelar situações de conflito individual e social, trazendo à tona demonstração de poder dominante, violências, preconceitos e exclusão social que acontecem entre pessoas, instituições. Dessa forma, esse recurso, quando utilizado pela sociologia, traz para análise social o modo de vida da sociedade, permitindo compreender as relações sociais que perpassam a família, o trabalho, a vivência na sociedade e as transformações sociais.

## REFERÊNCIAS


ANUÁRIO DO DF. **População do DF cresce uma vez mais que a brasileira**. Disponível em: http://www.anuariododf.com.br/radiografia-do-df/demografia/.

_____. **Ceilândia é reduto da nova classe média**. Disponível em: http://www.anuariododf.com.br/regioes-administrativas/ra-ix-ceilandia/.

ARQUIVO PÚBLICO DO DISTRITO FEDERAL. Ceilândia: resgate histórico. **Cadernos de Pesquisa**, n. 10, 2005.

ARQUIVO PÚBLICO DO DISTRITO FEDERAL. **Ceilândia.** Governo do Distrito F ederal. Fundação do Serviço Social. 1ª ed. 1973.

_____. **Depoimentos Orais II**: catálogo. Disponível em: http://www.arpdf.df.gov.br/wp-content/uploads/2017/09/Cat%C3%A1logo-Depoimentos-Orais-II.pdf.

ASSMANN, Aleida. **Espaços da recordação**: formas e transformações da memória cultural. Tradução de Paulo Soethe. Campinas-SP: Editora da Unicamp, 2011.

BEAUVOIR, Simone de. **A velhice**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.

BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade**: lembranças de velhos. 19. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

BURKE, Peter. **A revolução francesa da historiografia:** a Escola dos Annales (1929-1989). São Paulo: Ed. UNESP, 1992.

CANDAU, Joel. **Memória e identidade**. São Paulo: Editora Contexto, 2012.

Censo experimental de Brasília: população, habitação: 17 de maio de 1959 disponível em: http://bd.camara.gov.br/bd/handle/bdcamara/3125

CORDEIRO, V. D. **Por uma sociologia da memória**: análise e interpretação da teoria da memória coletiva de Maurice Halbwachs. Dissertação de Mestrado, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. São Paulo, 2015.

CHAUÍ, Marilena. **Convite à filosofia**. São Paulo: Editora Ática, 1994.

_____. Apresentação: Os Trabalhos da Memória. *In*: BOSI, E. **Memória e Sociedade**: Lembranças de Velhos. São Paulo: EDUSP, 2012.

CODEPLAN. **Pesquisa Distrital por Amostra de Domicílios:** Ceilândia. Dez. 2015. Disponível em: http://www.codeplan.df.gov.br/wp-content/uploads/2018/02/PDAD-Ceil%C3%A2ndia-1.pdf

_____. **Pesquisa Distrital por Amostra de Domicílios:** Ceilândia – Resumo. http://www.codeplan.df.gov.br/wp-content/uploads/2018/02/Resumo-PDAD-Ceil%C3%A2ndia.pdf.

CORREIO BRAZILIENSE. **Cercada de história e simbologia, caixa d'ádua de Ceilândia é tomabada**. Disponível em: https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/cidades/2013/11/21/interna_cidadesdf,399550/cercada-de-historia-e-simbologia-caixa-d-agua-de-ceilandia-e-tombada.shtml.

COSTA, Gilberto. **Censo populacional de 1959 revela quem eram os candangos que construíram Brasília**. Disponível em: http://memoria.ebc.com.br/agenciabrasil/noticia/2010-04-21/censo-populacional-de-1959-revela-quem-eram-os-candangos-que-construiram-brasilia.

DE DECCA, Edgar Salvadori. **O silêncio dos vencidos**. Brasiliense, 1981.

DEBERT, G. **Velhice e o curso da vida pós-moderno**. Revista USP, n. 42, p. 70-83, 1999. https://doi.org/10.11606/issn.2316-9036.v0i42p70-83.

_____. **A Reinvenção da Velhice**: socialização e processos de privatização do envelhecimento. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2004.

DUARTE, J. & BARROS A. (orgs). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. São Paulo: Atlas, 2005.

GADEA, Carlos A.; SANTOS, Myrian Sepúlveda dos. (org.). (2011), **Dossiê Memória e Sociedade**. Revista Ciências Sociais Unisinos, v. 47, n. 3.

GOUVÊA, Luiz Alberto de Campos. **Brasília**: a capital da segregação e do controle social – uma avaliação da ação governamental na área da habitação. São Paulo: Annablume, 1995.

GOVERNO DO DISTRITO FEDERAL. Secretaria de Serviços Sociais. Departamento de habitação Social. **Ceilândia**. Brasília, maio 1973.

GOLDENBERG, M. (2011). **Corpo, envelhecimento e felicidade na cultura brasileira**. Rev. Contemporânea, 9(18), 77-85

HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva**. São Paulo: Ed. Centauro, (1994) 2004.

_____. A memória nos idosos e a nostalgia do passado. Tradução de Mauro Guilherme Pinheiro Koury. **Revista Brasileira de Sociologia**, v. 7, n. 21, p. 633-658, dez. 2008.

HAMARAL, L. Ceilândia a história é essa. Série Planeta Ceilândia. Editora Nd Designer, 2011.

HOLSTON, James. **A Cidade Modernista**: uma crítica de Brasília e sua utopia. Tradução Marcelo Coelho. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

IBGE. **Censo experimental de Brasília**: população, habitação: 17 de maio de 1959. Disponível em: http://bd.camara.gov.br/bd/handle/bdcamara/3125.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE. Diretoria de Pesquisas, Coordenação de Trabalho e Rendimento. Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua. 2017. Disponível em:

<https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101559_informativo.pdf>. Acesso em: ago. 2018.

KUCHEMANN, Astrid B. **Envelhecimento populacional, cuidado e cidadania: velhos dilemas e novos desafios**. Revista Sociedade e Estado - Volume 27 Número 1 - Janeiro/Abril 2012.

MATOS, Júlia; SENNA, Adriana. História oral como fonte: problemas e métodos. **Historiæ**, Rio Grande, v. 2, n. 1, p. 95-108, 2011. Disponível em: https://www.seer.furg.br/hist/article/view/2395.

MEMORIAL DA DEMOCRACIA. **Construção de Brasília**: os candangos. Disponível em: http://memorialdademocracia.com.br/card/construcao-de-brasilia/5.

MILLS, Wright C. **A imaginação sociológica**. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1969. 246p.

MIRANDA, G. M. D.; MENDES, A. C. G.; SILVA, A. L. A. O envelhecimento populacional brasileiro: desafios e consequências sociais atuais e futuras. **Rev. bras. geriatr. gerontol.** [online]., v. 19, n. 3, p. 507-519, 2016. Disponível em: http://dx.doi.org/10.1590/1809-98232016019.150140. Acesso em: 23 maio 2018.

MINAYO, M. C. S. (Org.). **Pesquisa Social:** teoria, método e criatividade. 6. ed. Petrópolis: Editora Vozes, 1996.

NASCENTES, Claudine**. Memória, velhice e pesquisa**. A Terceira Idade, v.15, n.29, p. 68- 79, 2004.

NICOLAZZI, F. A história entre tempos: François Hartog e a conjuntura historiográfica contemporânea. **Revista História: Questões & Debates**, Curitiba, n. 53, p. 229-257, jul./dez. 2010. Disponível em: https://revistas.ufpr.br/historia/article/viewFile/15808/16154.

ORLANDI, E. P. **Análise de Discurso:** princípios e procedimentos. São Paulo: Pontes, 1999.

PAPALÉO, N. M. **Tratado de Gerontologia**. 2. ed. São Paulo: Atheneu, 2007.

PAVIANI, Aldo. Urbanização no Distrito Federal. ***Minha Cidade***, São Paulo, ano 07, n. 074.01, set. 2006. Disponível em: http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/minhacidade/07.074/1940.

PERALTA, Elsa. Abordagens teóricas ao estudo da memória social: uma resenha crítica. **Arquivos da Memória: Antropologia, Escola e Memória**, n. 2, 2007.

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. **Revista Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 3-15, 1989.

_____. Memória e identidade social. **Revista Estudos Históricos**, v. 5, n. 10, 1992.

RIOS, Fábio. Memória coletiva e lembranças individuais a partir das perspectivas de Maurice Halbwachs, Michael Pollak e Beatriz Sarlo. **Revista Intratextos**, v. 5, n. 1, p. 1-22, 2013. DOI: http://dx.doi.org/10.12957/intratextos.2013.7102.

ROSSI, Paolo. **O passado, a memória, o esquecimento:** seis ensaios da história das ideias. São Paulo: Ed. UNESP, 2010.

SANTOS, Myrian Sepúlveda dos. O pesadelo da amnésia coletiva: um estudo sobre os conceitos de memória, tradição e traços do passado. **Cadernos de Sociomuseologia**, v. 19, n. 19, 2002.

_____. **Memória coletiva e teoria social**. São Paulo: Annablume, 2003.

_____. O Pesadelo da Amnésia Coletiva: um estudo sobre os conceitos de memória, tradição e traços do passado. **Cadernos de Sociomuseologia**, [*S. l.*], v. 19, n. 19, jun. 2009. ISSN 1646-3714. Disponível em: http://revistas.ulusofona.pt/index.php/cadernosociomuseologia/article/view/370.

_____. **Memória coletiva & teoria social**. São Paulo: Annablume, 2012.

SCHMIDT, Benito Bisso. Entre a filosofia e a sociologia: matrizes teóricas das discussões atuais sobre história e Memória. **Estudos Ibero-Americanos**, Porto Alegre, v. 32, n. 1, p. 85-97, 2006.

SCHNEIDER, R. H.; IRIGARAY, T. Q. O envelhecimento na atualidade: aspectos cronológicos, biológicos, psicológicos e sociais. **Estud. Psicol.**, Campinas, v. 25, n. 4, p. 585-593, 2008.

SEIXAS, Jacy Alves de. Halbwachs e a memória-reconstrução do passado: memória coletiva e história. ***História***, São Paulo, n. 20, 2002.

SELIGMANN-SILVA, Márcio. **Zeugnis e Testimonio**: um caso de intraduzibilidade entre conceitos. **Letras**, n. 22, p. 121-130, 2001.

_____. Narrar o trauma: a questão dos testemunhos de catástrofes históricas. **Psicologia clínica**, v. 20, n. 1, p. 65-82, 2008.

_____. Testemunho e a política da memória: o tempo depois das catástrofes. **Projeto História. Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História**, v. 30, n. 1, 2009.

SOUZA, R. & GADEA, C. A. . **Memória coletiva e social no Brasil contemporâneo**. REVISTA BRASILEIRA DE SOCIOLOGIA , v. 5, p. 199-218, 2017.

VALENÇA, T. D. C.; REIS, L. A. Memória e história de vida: dando voz às pessoas idosas. **Revista Kairós Gerontologia**, v. 18, n. 2, p. 265-281, abr./jun. 2015. ISSN 2176-901X.

# APÊNDICE

## MODELO DE ROTEIRO PARA PESQUISAR HISTÓRIA DE VIDA

1. **Identificação do entrevistado**

   Nome:

   Data de nascimento:

   Local de nascimento:
2. **O que seus pais faziam para viver quando você nasceu?**
3. **O que você sabe sobre o passado de seus pais?**
4. **Como você descreveria sua infância?**
5. **O que você fazia nos fins de semana para se divertir?**
6. **Em que ano e você mudou-se para o DF?**
7. **Fale sobre a sua(s) (primeira) moradia(s) (localização, característica, mobiliário, etc.)**
8. **Quais são as condições da mudança para Brasília? Tinha algum parente que apoiou?**
9. **Como foi o seu primeiro emprego?**
10. **Onde vive hoje e qual sua principal ocupação?**
11. **Qual foi o momento mais difícil de sua vida?**
12. **Quais são as suas melhores lembranças?**
13. **Qual foi o momento mais feliz que teve?**
14. **Lembra-se de algum acontecimento marcante relacionado com fatos históricos, políticos e econômicos da cidade, do estado ou do país?**
15. **Quais eventos mundiais você se lembra de ter vivido?**
16. **O que sabe sobre sua cidade natal? Já voltou à sua cidade ou estado?**
17. **Frequenta a Casa do Cantador? Frequenta a feira de Ceilândia?**